

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO: BACHARELADO

Camila Amorim de Oliveira

**JORNALISMO COMUNITÁRIO DENTRO DA PERIFERIA: O CASO
ÉNOIS DE PARAISÓPOLIS**

Frederico Westphalen, RS
2023

Camila Amorim de Oliveira

**JORNALISMO COMUNITÁRIO DENTRO DA PERIFERIA: O CASO
ÉNOIS DE PARAISÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Jornalismo:
Bacharelado, do Departamento de Ciências da
Comunicação, da Universidade Federal de
Santa Maria, campus Frederico Westphalen.

Orientador: Profa. Dra. Claudia Herte De Moraes

Frederico Westphalen, RS

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que incansavelmente desde sempre me apoiaram nos estudos e não mediram esforços para que eu alcançasse os meus sonhos. Obrigada por me fazerem acreditar no poder da educação. Eu os amo. Minha mãezinha, a tua paciência e carinho, tem grande parte nesta pesquisa.

Aos meus professores, Cláudia Moraes e Rafael Foletto, sou imensamente grata por todo apoio. Agradeço por me ajudarem na construção não só do trabalho, mas no meu processo como profissional. Foram muito mais que orientações, com vocês aprendi a importância do olhar ao outro e como isso transforma o jornalismo.

As minhas amigas, Joana Kraemer e Isadora Oliveira, obrigada por dividirem toda a graduação comigo, os dias com vocês sempre se tornam mais fáceis. Joana, minha dupla da universidade, junto contigo aprendi o valor da escuta em um dos nossos maiores desafios como estudantes, obrigada.

Todo amor e agradecimento a minha amiga Julia Busch, que por muitas tardes dividiu o sofá comigo enquanto eu escrevia e pesquisava. A minha quase maninha, Helena Ramis, que ainda é muito criança para entender, a tua alegria me contagiava a cada palavra escrita. A partir de agora temos muitos mares para mergulhar juntas.

A minha amiga Anna Zborowski, não tenho palavras para ti. Obrigada por me ensinar que escutar é muito diferente de esperar a sua vez para falar. Você foi fundamental em todo esse processo.

Agradeço a jornalista Glória Maria, moradora de Paraisópolis, que foi essencial para esta pesquisa. A todos os moradores que me permitiram realizar entrevistas, os ensinamentos foram muitos.

Agradeço a Universidade Federal de Santa Maria, pela oportunidade de realizar tantos sonhos e me tornar uma pessoa mais consciente.

Dedico a todos aqueles, que assim como eu, são apaixonados e acreditam na comunicação. Se comunicar é um dos maiores e melhores desafios da vida.

Escutar o outro é renunciar a posição de poder, seja ela do professor, do médico, do entendido, do filósofo, e de deixar que a linguagem, que a experiência, esteja em primeiro lugar.

Christian Dunker

RESUMO

JORNALISMO COMUNITÁRIO DENTRO DA PERIFERIA: O CASO ÉNOIS DE PARAISÓPOLIS

AUTORA: Camila Amorim de Oliveira
ORIENTADOR: Cláudia Herte De Moraes

O trabalho tem como base o jornalismo comunitário produzido dentro da periferia e o seu papel social. Discute a percepção dos sujeitos periféricos receptores de informação sobre sua identificação social, diante do que é veiculado na grande mídia, bem como no jornalismo produzido dentro da comunidade. Para entender os conceitos de recepção e quais sentidos esses sujeitos produzem, a pesquisa discute teorias de Martín-Barbero e Ana Escosteguy, onde entende-se a necessidade de ouvir agentes comunicativos que estão inseridos em determinadas realidades para que a comunicação seja capaz de garantir os direitos informacionais de cada cidadão. Além disso, também apresenta os conceitos em torno do fazer jornalismo comunitário e a sua importância na produção de sentidos que contribuam para a formação e identidade de cada ser humano. O objetivo geral do trabalho é compreender como o jornalismo comunitário do Énois funciona e é percebido pela comunidade. Utiliza as técnicas de observação direta, de inspiração etnográfica e entrevistas com a comunicadora popular Glória Maria e com moradores de Paraisópolis, em São Paulo, no qual é presente o laboratório de jornalismo da Énois. A partir do que foi observado e dos resultados encontrados, pode-se concluir que veículos de comunicação como o Énois Conteúdo e jornalistas que vivem no contexto periférico são fundamentais para a construção de um jornalismo plural, diverso e democrático.

Palavras-chave: Jornalismo Comunitário. Periferias. Recepção. Entrevistas. Énois.

ABSTRACT

COMMUNITY JOURNALISM WITHIN THE PERIPHERY: THE CASE ÉNOIS OF PARAISÓPOLIS

AUTHOR: Camila Amorim de Oliveira

ADVISOR: Cláudia Herte De Moraes

The work is based on community journalism produced within the periphery and its social role. It discusses the perception of peripheral subjects who receive information about their social identification, in view of what is conveyed in the mainstream media as well as in the journalism produced within the community. In order to understand the concepts of reception and what meanings these subjects produce, the research discusses theories by Martín-Barbero and Ana Escosteguy, where it is understood the need to listen to communicative agents who are inserted in certain realities so that communication is able to guarantee the information rights of every citizen. In addition, it also presents the concepts around doing community journalism and its importance in the production of meanings that contribute to the formation and identity of each human being. The general objective of the work is to understand how Énois community journalism works and is perceived by the community. It uses the techniques of direct observation, inspiration ethnography and interviews with the popular communicator Glória Maria and with residents of Paraisópolis, in São Paulo, where Énois' journalism laboratory is located. From what was observed and the results found, it can be concluded that communication vehicles such as Énois Content and journalists who live in the peripheral context are fundamental for the construction of a plural, diverse and democratic journalism.

Keywords: Community Journalism. Peripheries. Reception. Interviews. Énois.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Estudos de recepção e produção de sentidos.....	11
2.2 Mapeamento de termos ligados ao jornalismo.....	16
2.3 Jornalismo Comunitário e a construção da cidadania.....	17
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
4. O CAMINHO ATÉ CHEGAR NA PERIFERIA.....	25
4.1 Diário de campo.....	25
4.2 Os meios de busca e consumo de informação da população periférica	29
4.3 A comunicação é democracia.....	30
4.4 Cidadania comunicativa.....	31
5. DE DENTRO DA PERIFERIA: O OLHAR DO JORNALISTA PERIFÉRICO.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A.....	43
APÊNDICE B.....	49

1. INTRODUÇÃO

A comunicação tem o papel não apenas de comunicar, mas também de dar visibilidade a toda uma nação. A diversidade existente no Brasil precisa ser levada para dentro dos veículos comunicacionais, pois existe a necessidade de as pessoas se sentirem representadas pelo que é retratado. Contudo, ao acompanhar a grande mídia, é notória a falta de representatividade e, por muitas vezes, até mesmo certa distorção da realidade. Para exemplificar isso, a reportagem do Expresso na Periferia¹, que nasceu justamente pela falta de representatividade na grande imprensa e nas pautas dos noticiários, discute a importância do olhar de quem vive nas comunidades para os temas do dia a dia com os seus desafios e transformações. (EXPRESSO NA PERIFERIA, 2021).

A pluralidade existente nas periferias do Brasil, nos mostra a essência brasileira no olhar de quem luta todos os dias por uma vida melhor. São diversas histórias, jeitos, pessoas e sonhos. Ao acompanhar a grande mídia brasileira, a falta dessa pluralidade é exemplificada, pois ao lermos ou assistirmos notícias relacionadas a periferia, a representação que se tem é de lugares perigosos, com altos índices de criminalidade e que devem ser temidos. “As representações negativas, ao longo do tempo, criaram diversos estereótipos em relação às favelas e aos moradores das mesmas, notadamente como um lugar a ser evitado por ser o local por excelência da criminalidade, algo exacerbado a partir da década de 1980” (ROCHA, 2017, p.10). Como fica a representação de tantos sonhos que existem lá dentro? Esse é um dos principais questionamentos que levou ao interesse sobre a temática desta pesquisa, junto a ele e todos os objetivos, busca-se ressaltar que são os sonhos de milhares de pessoas que movem esse país e transformam a cada dia a realidade na qual estão inseridas.

O jornalismo existe para isso, para ser a voz de pessoas que são silenciadas. Silêncio este que vem de um sistema que por si só é excludente e reflete em diversos meios, um deles, a comunicação. Dessa forma, a pesquisa é fundamental para ampliar o debate sobre o papel do jornalismo diante de garantir os direitos da população.

Sendo assim, cada vez mais existe a necessidade dessas comunidades serem noticiadas por profissionais que vem da própria periferia, que tenham consciência da importância de humanizar o jornalismo e saibam que é por meio dele que muitas vezes atribui-se significado às coisas e pessoas.

¹ <https://mobilidade.estadao.com.br/patrocinados/a-periferia-no-centro-do-mundo/>

Tudo isso por que, na maioria das vezes, a grande mídia transmite as notícias com o olhar de jornalistas e comunicadores que não estão inseridos no cotidiano das comunidades periféricas. Além da comunicação ser falha, por não mostrar de fato a realidade, também não transmite a informação precisa aos moradores desses locais, já que a mensagem não é transmitida por alguém representativo da comunidade. Como seria retratada a periferia pelos periféricos?

Nesse contexto, a problemática da pesquisa deste estudo apresenta a forma como as favelas são retratadas no Brasil e a falta de profissionais periféricos inseridos nos meios de comunicação contando as histórias destes lugares. Ainda, é preciso entender quais os principais meios de comunicação que os moradores utilizam e quais são os tipos de informação que mais consomem, para que a prática jornalística cumpra sua função social dentro das comunidades periféricas.

Este trabalho tem como objetivo geral compreender como o jornalismo comunitário do Énois funciona e é percebido pela comunidade. Énois² se denomina hoje como um laboratório formado por jornalistas periféricos que tem como visão cultivar uma rede latino-americana de jornalistas locais, apoiando comunicadores e veículos a atuarem com respeito à diversidade, à representatividade e à inclusão no jornalismo brasileiro

O primeiro objetivo específico do trabalho é entender como é produzido o jornalismo dentro de uma periferia. Aqui, busca-se compreender a rotina de trabalho, rotina produtiva essa, que segundo Aldé, Xavier e Barretos (2004), impõe condições e critérios muitas vezes conflitantes com o ideal ético do jornalismo. Sendo assim, então, será acompanhado o trabalho que a comunicadora Glória realiza em Paraisópolis e dentro do Énois.

Como segundo objetivo específico deste trabalho, busca-se identificar a percepção dos moradores quanto às notícias veiculadas sobre eles. Neste âmbito, será utilizada a técnica de entrevistas com moradores da periferia, que consomem conteúdos da grande mídia e também de veículos de comunicação da comunidade. As entrevistas têm como foco trazer para o trabalho como é o consumo de notícias desses moradores e ainda, qual a relação deles com o jornalismo. Para assim então, entender qual é o sentimento dessa população ao se enxergar nos meios de comunicação.

² <https://enoisconteudo.com.br/>

Ainda, além disso, o presente trabalho busca, como terceiro e último objetivo específico, compreender a importância do jornalismo construído dentro da periferia. Após o acompanhamento da jornalista e as entrevistas realizadas com os moradores, o trabalho discutirá a necessidade das pessoas se enxergarem no jornalismo e nos meios de comunicação, de forma que sintam-se representadas e com suas vozes sendo ouvidas.

Dessa forma, a partir desta problemática de pesquisa, justificativa e objetivos, nesta introdução buscou-se reforçar a importância da temática para o jornalismo e esclarecer os motivos que instigaram a pesquisa sobre os conceitos e temas.

No capítulo dois do trabalho, é abordada a questão teórica dos estudos de recepção e sentidos que os sujeitos produzem ao acompanhar o que é noticiado na grande mídia e no jornalismo produzido dentro da comunidade. São discutidos autores que dialogam com a função social da profissão e a necessidade dela ser exercida de uma forma humana e democrática. Além disso, também são abordados os conceitos de jornalismo comunitário e o papel que ele desempenha nas periferias, sempre relacionando com a responsabilidade ética dos fundamentos da profissão. O trabalho apresenta o laboratório de jornalismo Énois Conteúdo, objeto deste estudo.

No capítulo três, é descrita a metodologia utilizada para a realização do trabalho que contempla como principal método entrevistas com a comunicadora periférica e os sujeitos moradores da periferia, assim alargando a compreensão não só de como é produzido o jornalismo, mas também de como as pessoas recebem estas informações. Já no capítulo quatro, é apresentado um diário de campo onde consta todas as percepções sentidas e vividas pela autora durante as entrevistas e enquanto estava em Paraisópolis. Neste mesmo capítulo, as teorias estudadas são vinculadas com as falas dos moradores entrevistados. Já no capítulo cinco, encontram-se os resultados da entrevista com a jornalista e todas as observações que ela traz sobre a construção de um jornalismo ético e humano. Por fim, o capítulo seis apresenta as considerações finais do trabalho juntamente com o que foi alcançado na pesquisa.

Diante disso, este trabalho busca entender como é produzido o jornalismo dentro de Paraisópolis, uma das maiores periferias do Brasil e qual o sentimento que as pessoas moradoras das favelas têm em relação ao jornalismo e mídias brasileiras. É um estudo que visa ressaltar a função social do jornalismo e a importância das vozes das comunidades em um contexto nacional, para fortalecer a construção de um país plural e democrático.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo são apresentados os elementos teóricos e conceituais que balizam esta pesquisa, sendo discutidos os estudos da recepção e produção de sentidos, juntamente com o papel do jornalismo comunitário em sociedade.

2.1 O estudo da recepção e a produção de sentidos

Ao falar em comunicação é imprescindível pensar em como os sujeitos significam os conteúdos transmitidos. Segundo Leenhardt (1997), toda comunicação reproduz e transforma, reproduz, pois, por meio dela é disseminado ainda mais informações e transforma a realidade dos sujeitos, produzindo sentidos ao receber.

Partindo do pressuposto de que a experiência conta histórias, Eduardo Galeano (1971), no livro *As veias abertas da América Latina*, destaca que a primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la. A problemática da pesquisa deste estudo apresenta a forma como as favelas são retratadas no Brasil e a falta de profissionais periféricos inseridos nos meios de comunicação contando as histórias destes lugares. Visto isso, Gonçalves (2008, p.01) articula que “a perspectiva da recepção constitui potencialmente uma alternativa para alargar a compreensão dos processos culturais e comunicacionais que tão frequentemente têm sido estilhaçados”. A teoria da recepção será utilizada na pesquisa buscando entender ainda mais quais sentidos são produzidos pelos moradores dos subúrbios brasileiros ao acompanhar noticiários de massa, e também, a diferença do jornalismo produzido dentro das próprias comunidades, a história sendo contada pela cultura visceral que as favelas produzem, e que é, inegavelmente, a base cultural para formação do país.

Em busca de entender mais sobre a teoria da recepção, Sousa (1998) fala que ela exige que necessariamente todos se reportam a uma questão fundadora, a compreensão do que se entende por comunicação na vida social contemporânea. Neste sentido, enfatiza-se, que a recepção vai muito além de uma teoria isolada, para ela existir de uma forma não limitada, precisa se relacionar com o campo social e cultural.

Sobre isso, o modelo comunicacional de Martín-Barbero, um dos principais nomes da Escola Latino Americana de comunicação, frisa que a recepção midiática é um processo de interação e, sendo assim, existe uma variedade de mediações, entre elas: está a classe social,

política, modo de enxergar a vida, escola, igreja, acervo cultural, televisão e rádio, “é através deles que é possível compreender a interação entre produção e recepção ou entre lógicas do sistema produtivo e lógica dos usos”, (DANTAS, 2009, p.93). Entretanto, para o autor, existe um espaço entre o emissor e receptor, espaço esse que é preenchido pela mensagem. A mensagem é composta por diversas mediações, algumas dessas citadas anteriormente, por isso, existe uma grande complexidade, já que as mediações variam de pessoa para pessoa e, dessa forma, a mensagem captada poderá ser diferente.

O pensamento barberiano, que analisa a comunicação a partir de processos culturais, busca não apenas observar os meios, mas também analisar as mediações, Dantas explica o ato de mediar na comunicação:

O ato de mediar significa fixar entre duas partes um ponto de referência comum, mas equidistante, que a uma e a outra faculte o estabelecimento de algum tipo de inter-relação, ou seja, as mediações seriam estratégias de comunicação em que, ao participar, o ser humano se representa a si próprio e o seu entorno, proporcionando uma significativa produção e troca de sentidos. (DANTAS, 2009, p. 4)

Para Escosteguy (2009) existe uma dinâmica que vem sendo instituída pela própria mídia, de esmaecimento das fronteiras entre produção e recepção através do chamamento cada vez mais crescente dos receptores para participarem da esfera da produção. Dessa forma, faz-se necessário ouvir agentes comunicativos que estejam inseridos em tais contextos para que a história não seja distorcida ou vista apenas com um olhar, olhar esse que tem sido construído já há alguns anos diariamente pela mídia brasileira. Para exemplificar tal afirmação, a reportagem (<https://favelaempauta.com/capas-favelas-negativas/>), produzida pelo Favela em Pauta, jornalismo de conteúdo territorial das periferias cariocas, apresenta uma análise da cobertura jornalística das redações cariocas sobre as favelas para verificar como são tratadas as manchetes relacionadas à periferia do Rio de Janeiro.

A publicação reflete que os jornais impressos deixam de lado o cotidiano dos moradores periféricos e a maioria das reportagens é sobre operações policiais, tiroteio e execuções. Além de destacar a importância do jornalismo territorial para a garantia dos direitos básicos da população e grupos mais vulneráveis, temática essa que será discutida no segundo capítulo do presente trabalho.

"Como as significações desconexas e parciais das notícias diárias são interpretadas pelos receptores? De que maneira os receptores constroem sínteses significativas a partir dos

dispersos fragmentos de sentido transmitidos pelas notícias?” Assim, com base nesses questionamentos levantados por Motta (2010), pode-se refletir sobre a fragilidade dos meios de comunicação do país, em torno da relação com os sujeitos, isso por conta da alta exigência de rapidez que o jornalismo cobra ou até mesmo influência de um sistema que dificulta o acesso à informação. A comunicação de massa ainda é discutida no cenário kafkiano, que afirma o impacto que ela tem “é uma espécie de força astuta, que ajudaria hipnotizar os receptores, a formar um consenso passivo- sem participação nem debate” (BARROS, et al., 2012, p.83).

A forma como as notícias e informações chegam na população influenciam diretamente na visão de mundo e potencial de transformação da realidade, ou seja, se as histórias são transmitidas e contadas com fidelidade ao que aconteceu, as comunidades são capazes de se identificar e produzir ainda mais sentidos sob aquilo que estão vendo. Desse modo, torna-se essencial ao jornalista executar a profissão com humanidade e sensibilidade ao outro, pois é por meio da informação, que o comunicar e participar se concretizam de fato, assim como diz o educador Paulo Freire:

Existir ultrapassa viver, porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E é essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires. Em comunicação com eles. (IJUIM, 2009, apud. FREIRE, 1982, p. 48-49)

Ainda seguindo o pensamento de Escosteguy (2009), a autora lembra que é adequado indagar-se como o pesquisador poderia se posicionar para preservar a dinâmica e particularidades do processo comunicativo e com isso, investigar a comunicação a partir dos atores sociais, inseridos em determinadas condições sociais concretas. Com isso, reforça-se a necessidade de entender de fato a realidade e condição de cada pessoa para que assim seja possível contar sua história e transmitir informações sobre determinado local de modo preciso e claro, afinal só se retrata com fidelidade, aquilo que se conhece.

“A Comunicação é produção de sentidos, e não transmissão de informação” (GROHMANN, 2013, p.72), ao pensar nessa afirmação, o olhar jornalístico fica mais evidente para a maneira de como os sujeitos irão receber o que está sendo noticiado. Não que a informação perca importância, de forma alguma, a evidência da importância da recepção

dos sujeitos, torna os valores jornalísticos ainda mais fundamentais para um jornalismo humanizado e de credibilidade. Complementando a isso, Motta (2004) refere que o discurso informativo se dirige a alguém com a finalidade de comunicar a informação, levantando a ideia de que os sentidos dos sujeitos são produzidos por meio das próprias informações.

Para Felin (2009), o povo é aquilo que imita, veste, produz e vive conforme o que é passado pela mídia de um modo geral. Esse pensamento, juntamente com a teoria da indústria cultural de Frankfurt, corrobora a ideia de que o sistema capitalista influencia diretamente na disseminação de informações e cultura. Seguindo essa ideia, percebe-se que ao sofrer grandes influências do sistema, os meios de comunicação não cumprem com o seu papel principal de serem agentes da cidadania, assim deixando sujeitos periféricos em uma situação de vulnerabilidade informacional. No entanto, em contrapartida a isso, Dantas (2009), lembra que o modelo comunicacional barberiano observa que os meios de comunicação não configuram o ser humano num receptor passivo e alheio à sua própria realidade, os conteúdos culturais são responsáveis, juntamente com a vivência individual, pelos repertórios que cada sujeito possui para interpretar a realidade.

Ao problematizar o fato de que a comunicação não atua como agente da cidadania, vê-se ainda mais a necessidade dos noticiários brasileiros e das mídias locais, terem presentes jornalistas e sujeitos que vem do cotidiano das favelas, pois além de um território, favela também é a experiência de quem convive diariamente com a realidade. De acordo com isso, um dos objetivos deste trabalho é entender como é produzido o jornalismo dentro da periferia, para isso será feita entrevista e acompanhado o trabalho da comunicadora popular, Glória Maria, moradora de Paraisópolis e comunicadora com foco no território. Para Mário Kaplún (1985) comunicação popular é “uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”. Glória é formada pela Escola de Jornalismo da Énois e pelo Você Repórter da Periferia, hoje a comunicadora trabalha no Énois, que se tornou um laboratório que busca impulsionar a diversidade, representatividade e inclusão no jornalismo brasileiro.

Sendo assim, reflete-se a necessidade de jornalistas que compreendam a favela e que entendam das vivências periféricas, vivências essas que abrangem todas as periferias, ocupações, assentamentos, regiões quilombolas, ribeirinhas, entre outras regiões do país. Espaços que são completamente distintos, mas que compartilham histórias de segregação e

resistência, discutindo a ideia da importância da compreensão dos sujeitos, Alves e Sebrían, refletem:

Vale lembrar que o jornalista não se relaciona apenas com um objeto de conhecimento, mas também com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Portanto, para entender os fenômenos sociais é necessário compreender as ações dos sujeitos. Até mesmo porque, com as práticas jornalísticas atuais, o repórter corre o risco de concentrar-se somente nos fatos, desprezando as múltiplas conexões com os outros fatos e, portanto, a contextualização necessária para a compreensão das ações que originaram a matéria e também da sociedade. (ALVES E SEBRIAN, 2008, p.08).

A partir do momento que essa compreensão exista de fato, a função social do jornalismo estará sendo cumprida, pois por meio desse entendimento, os sujeitos receptores de informação, poderão criar e buscar ainda mais significados para suas histórias de vida e contexto em que vivem. Nesse sentido, Baccega e Guimarães (2006, p. 410) afirmam que “para haver comunicação, é preciso que os interlocutores tenham uma memória comum, participem de uma mesma cultura, pois são as referências que vão traçando percursos”, ressaltando então, que é por esse motivo que a comunicação está imersa na cultura. Outro ponto levantado pelos autores, é que os estudos de recepção estão preocupados com as características socioculturais dos receptores, ou seja, o viver socialmente e cultura que estão inseridos, reflete também nos meios midiáticos. Com isso, podemos pensar que ao realizar uma entrevista, deve-se levar em consideração toda a situação social, econômica e política que as pessoas vivem e como isso influencia nas decisões individuais e do todo.

Ao dizer que a função social do jornalismo está sendo cumprida, se leva em conta o exercício do jornalista que dispõem o seu compromisso com a sociedade. Para Kovach e Rosenstiel (2003), existem alguns itens fundamentais para exercer a profissão, entre os quais destacamos três:

1. *Obrigação do jornalismo com a verdade;*
2. *Sua primeira lealdade com o cidadão;*
3. *Sua essência é a disciplina da verifica o;*

Por fim, esses três itens servem como base para um bom jornalismo que desempenhe as necessidades individuais de cada comunidade e que amplie o olhar dos seres humanos para o todo. O ator aponta que a inexistência dessas atividades, seria o mesmo que deserdar o jornalismo. Portanto, para que os sujeitos receptores produzam sentidos, a  tica e

humanização do jornalismo faz-se fundamental, pois sem isso, são construídos meios de comunicação frágeis e sem compromisso com a sociedade.

2.2 Mapeamento de termos ligados ao jornalismo

Para essa parte da pesquisa, buscou-se entender os termos utilizados na área de interesse. Foi assumido o termo jornalismo comunitário, utilizado para fazer referência ao jornalismo que é produzido dentro da periferia. No entanto, é importante trazer a discussão sobre outros termos do jornalismo que também se relacionam com a comunidade para melhor compreender e delimitar as diferenças entre eles.

Trata-se de jornalismo alternativo, aquele que aborda a comunicação como uma forma de mediar o debate público sem interesses de grupos institucionais. Entretanto, apesar do termo existir desde antes da ditadura no Brasil, há poucas discussões sobre ele.

O jornalismo alternativo se coloca como um campo de mediações jornalísticas de oposição à ditadura do capital, expressa por este modelo de sociabilidade em que se transforma a esfera pública em esfera de consumo e a sociedade política em sociedade administrada ou sem oposição. (OLIVEIRA, 2019, p. 3).

Outro termo que é discutido nos meios de comunicação é o de jornalismo cidadão, neste, a imprensa é utilizada como um meio e porta voz das utilidades públicas. Para Abreu (2003), essa a ação jornalística é vista como tendente a servir aos interesses concretos dos cidadãos e a responder às preocupações dos leitores referentes a emprego, habitação, educação, segurança e qualidade de vida. Ainda assim, o termo é pouco discutido e não se encontra informações aprofundadas sobre ele.

Na pesquisa sobre os termos, o que mais se encontra é o de jornalismo comunitário. São diversas pesquisas e abordagens que trazem em discussão essa temática que muda o olhar do comunicador para o jornalismo. São estudos de anos que apresentam resultados sobre o viés do jornalismo com o compromisso social. Paiva, aborda a questão das novas perspectivas no jornalismo.

O jornalismo voltado para o cotidiano de coletividades específicas encara uma nova perspectiva, considerando principalmente a necessidade de acoplar à visão local a existência dos demais lugares, dos centros de decisão, das particularidades de outros lugares do planeta” (PAIVA, 2006, p.13).

Para Galli (2021), a comunicação e seus agentes quando tratados como um mercado, restringem a liberdade de comunicação e impõem barreiras à cidadania. Nesse sentido, os autores apresentam a atuação do jornalismo comunitário como uma estratégia para a população periférica encontrar assuntos que são de seu interesse e um espaço para suas histórias serem ouvidas.

É por meio do Jornalismo Comunitário que se busca resgatar a identidade individual e coletiva da sociedade na qual determinada comunidade está inserida. É a busca constante pela valorização da cultura local, de uma coletividade, a partir da noção de pertença do indivíduo à determinada comunidade. O Jornalismo Comunitário é a oportunidade de proporcionar aos indivíduos uma cidadania no sentido de poder exercer seu direito a uma comunicação ativa e não apenas passiva como acontece, via de regra, nos meios de comunicação de massa tradicionais e na grande mídia nos quais os cidadãos são representados, em grande parte, como indivíduos anônimos (FERREIRA, 2011, p.57).

Ainda, encontra-se um quarto termo sendo discutido, que é o jornalismo popular, nele o entretenimento prevalece a informação. “As publicações efetivamente conquistam novos públicos leitores, mas o aumento das tiragens se sobrepõe muitas vezes à função de papel social da imprensa e, portanto, o suposto interesse do leitor fica acima do interesse público” (AMARAL, 2006, p.02). Visto isso, destaca-se alguns pontos para noticiar no jornalismo popular: o entretenimento, se for próximo culturalmente e geograficamente do leitor e se puder ser narrado dramaticamente. O jornalismo popular em comparação ao alternativo e cidadão, ganha destaque nas pesquisas.

Os quatro termos utilizados são os mais discutidos no jornalismo atual. Ao serem analisados, o que mais se adequa na presente pesquisa é o jornalismo comunitário. Isso porque, além dele dar atenção aos problemas e histórias de territórios específicos, a comunicação é construída pelo viés de jornalistas e comunicadores que estão inseridos no contexto periférico e, assim, têm propriedade para tratar de assuntos que sejam voltados para a comunidade e de interesse de seus moradores.

2.3 Jornalismo Comunitário e construção da cidadania

Ao acompanhar as notícias da grande mídia brasileira a maneira de como as regiões periféricas do Brasil são retratadas era algo intrigante. A falta de sensibilidade e humanização no jornalismo ao descrever pessoas e o cotidiano das favelas fazia eu me questionar a forma que a comunicação é construída dentro do país. Segundo os pensamentos de Marx e Engels,

existe um grande papel da sociedade na formação das ideias, relacionado a isso, a mídia existe dentro do contexto de sociedade e se, ela corrobora na forma de pensar e agir dos seres humanos, a construção do olhar para as periferias seria a partir desses noticiários.

Ainda seguindo as ideias dos filósofos, em seus estudos eles apresentam o termo ideologia, que hoje cabe muito nos conceitos do jornalismo e da comunicação. Para Soares (2009), em uma sociedade dividida em classes, a ideologia dominante, na abordagem marxista, é a ideologia da classe dominante, ou seja, a única que tem meios para dedicar-se à produção de ideias. Pensando assim, o acesso à cultura, educação, esportes, lazer e até mesmo a informação, ficaria apenas aos privilegiados da sociedade, é como se apenas uma parcela da população produzisse histórias que merecem ser contadas e ouvidas. Outro aspecto a ser levado em consideração, é como jornalistas que não conhecem a realidade das regiões periféricas, e também tem uma visão já estereotipada construída ao longo dos anos, irão produzir notícias sobre esses lugares.

Énois Conteúdo, o laboratório de jornalismo que atua como comunicadora periférica que essa pesquisa irá acompanhar o trabalho, levanta alguns questionamentos: você vive em uma cidade que não possui sequer um jornal ou veículo de comunicação. Tudo o que vê na TV ou lê na internet não diz respeito à sua comunidade, bairro ou território. Suas principais fontes de informação são, portanto, o que circula no Whatsapp. E você toma suas decisões cotidianas com base nisso. Qual o perigo? De acordo com o laboratório, cerca de 62% dos municípios brasileiros vivem essa realidade, a falta de cobertura jornalística nos territórios impacta diretamente no desenvolvimento local.

Para pensar sobre isso, Mata (2006) traz o conceito de cidadania comunicativa, segundo ele, implica o desenvolvimento de práticas que contribuam na garantia dos direitos junto ao campo da comunicação. Dessa forma, reflete-se que a cidadania é um conjunto de elementos, um desses sendo a comunicação, e para que as pessoas possam ter seus direitos relacionados à informação assegurados, faz-se necessário uma comunicação democrática e acessível a todos, onde todos os sujeitos receptores de informação, recebam as informações e possam criar as significações para as mensagens de acordo com suas vivências, assim como visto no capítulo anterior. Ainda nesse sentido, Foletto diz que é imprescindível para um pesquisador desenvolver um olhar metodológico sensível, atento às polaridades, às competências, aos agires, aos sentidos, às lógicas, às visões de mundo dos indivíduos e grupos humanos. Da

mesma forma que para o pesquisador é necessário um olhar sensível, ao jornalista e comunicador, isso também é essencial.

Segundo Galli (2021), o jornalismo vem sendo praticado num contexto de mercado, focalizado em critérios de noticiabilidade que privilegiam os acontecimentos pontuais, as pessoas influentes, o número, o impacto imediato e não os processos de longa duração. Afirmção essa que é vista no dia a dia da profissão, onde existe a necessidade da agilidade e rapidez para divulgar as informações e notícias empresariais e anúncios, por vezes, acabam ocupando o espaço de pautas de interesse popular. Neste sentido, Galli explica a importância do jornalismo comunitário para que de fato o jornalismo exerça a sua função social:

O jornalismo comunitário, se torna uma possibilidade para parte da população encontrar espaço e discutir assuntos que são de seu interesse, mas que nos grandes veículos de comunicação não são abordados e, quando o são, o viés não é o desejado. Além disso, essa modalidade de jornalismo ajuda numa contribuição também imensamente valiosa para a democracia na socialização de cidadãos que normalmente não são protagonistas nas atuações e nas narrativas do jornalismo tradicional (GALLI, 2021, p.107).

Ainda na ideia de que o jornalismo vem seguindo práticas mercadológicas, Medina (1988) afirma que o jornalismo não pode seguir as características das empresas jornalísticas e transformar a notícia em mais um produto no mercado, no qual a maior preocupação é vender e não o bem ou o mal que essa notícia pode causar ao público. Dessa forma, o presente capítulo busca compreender como o jornalismo comunitário alarga a possibilidade da população se enxergar no que vem sendo noticiado, e assim, de acordo com Marcondes (2002) garantir a socialização do indivíduo como ser. Essa socialização pode-se pensar da própria interação dos sujeitos dentro de sua comunidade, onde ele seja capaz de exercer o princípio da cidadania, tendo consciência dos seus direitos e deveres.

“Por jornalismo comunitário podemos compreender, em linhas gerais, a atuação da profissão jornalística voltada aos fatos que ocorrem dentro de uma comunidade, ou que sejam de interesse para seus moradores” (GALLI, 2021, p.107). O autor traz a visão do jornalismo comunitário como sendo específico para uma comunidade, onde as abordagens serão direcionadas para a realidade em que se vê no micro. De acordo com Freitas (2006) o jornalismo comunitário vem como alternativa para se desvincular da lógica de mercado dos grandes veículos de comunicação e assume o papel que deveria ser de todo jornalismo: o

papel social. Em relação a isso, Perdomo explica qual é o compromisso do jornalismo dentro de sociedade:

O jornalismo só existe como profissão e tem uma função na sociedade porque trabalha para fornecer à população informação que contribua com o desenvolvimento de sua cidadania. Essa característica constitucional do jornalismo faz com ele tenha entre os seus fundamentos principais elementos como a independência, o compromisso com a verdade, a lealdade com os cidadãos e o dever de apresentar as notícias de forma proporcional (PERDOMO, 2015, p.14).

Visto isso, “o jornalismo comunitário é o espaço no qual a população daquela comunidade não é julgada pelo veículo de comunicação, mas sim valorizada” (FREITAS, 2006, p.26), afinal o jornalismo existe para contar e retratar histórias, não cabe ao profissional julgar tal acontecimento, seja ele qual for. A valorização no jornalismo comunitário vem por meio de entender a identidade das pessoas que moram em comunidades, a força do trabalho, a evolução de cada um a partir de seus esforços individuais e coletivos, como é constituída a cultura desses lugares, e, ainda, na presente pesquisa, observar as realidades periféricas do país e como cada uma contribui para toda pluralidade aqui existente, tornando o Brasil um país diverso e multicultural.

Segundo Freitas (2006), não pode haver um jornalismo comunitário sem a comunidade, pois é necessário que o jornal seja reconhecido pela comunidade e pautado as questões de interesse dela, valorizando a cultura local e as particularidades da região. Entretanto, o autor frisa que muitas vezes, o jornalismo comunitário é confundido com o jornalismo alternativo, citando Festa (1991), os dois tem princípios diferentes sendo que a comunicação comunitária seria para as bases, enquanto que a comunicação alternativa seria para a burguesia, “pois a comunicação alternativa segundo a autora eram publicações de cunho político e cultural e traziam os interesses da média burguesia, dos trabalhadores e da pequena burguesia” (FESTA, 1991 apud FREITAS, 2006, p. 16). Visto isso, Freitas afirma que a comunicação comunitária no Brasil surgiu na década de 60, com o surgimento do MCP, Movimento de Cultura Popular. Assim, pode-se pensar como desde aquela época, a cultura influencia no fazer jornalismo comunitário, e, pensando nisso, o autor relata que para identificar a comunicação das classes subalternas, também pode se utilizar o termo comunicação popular. Para isso, Peruzzo (1998), diz que os conceitos de populares são divididos em três: *Popular alternativo*: termo utilizado para denominar a comunicação relacionada às organizações e os movimentos sociais vinculados às classes subalternas.

Popular folclórico: utilizado para manifestações culturais do povo, como danças, festas e ritos.

Popular massivo: quando a comunicação volta-se para o povo, mas não com o intuito de mostrar sua cultura e valorizá-la, mas sim quando veículos da grande imprensa se apropriam da linguagem popular transformando-a em um produto para ser vendido ao povo.

Freitas afirma que o jornalismo comunitário é sempre alternativo, pois a sua linguagem difere da grande imprensa. Em relação à linguagem, é importante de se pensar como ela é fundamental para que, mais uma vez, o jornalismo exerça a sua função social. Ao transmitir as informações, deve ser feito não apenas só de forma acessível, mas também clara e objetiva, para que isso não dê margem a manipulação da mensagem. ‘‘O jornalismo comunitário é um meio de comunicação, pelo menos no que diz respeito ao acesso, extremamente democrático’’ (GALLI, 2021, p.116).

Por fim, entende-se que o Énois se encaixa na perspectiva de jornalismo comunitário, pois contribui na construção da cidadania comunicativa ao dar voz e reivindicar os direitos informativos da comunidade. Abaixo, a definição do Énois:

Laboratório formado por jornalistas periféricos que tem como visão cultivar uma rede latino-americana de jornalistas locais, apoiando comunicadores e veículos a atuarem com respeito à diversidade, à representatividade e à inclusão no jornalismo brasileiro. Ao longo dos 13 anos de existência, Énois já foi escola, agência e hoje é laboratório. Uma das formações de Glória foi pela Escola da Énois, busca-se não apenas acompanhar a rotina do trabalho da comunicadora, mas também entender qual o impacto que o jornalismo produzido propriamente dentro da periferia tem nos sujeitos receptores de informações.

Além do jornalismo, Énois realiza uma série de projetos dentro das periferias de São Paulo, visando que os moradores enxerguem suas comunidades e também tenham acesso a informação de qualidade e acessível para todos. Abaixo, alguns dos projetos que realizam:

Caixa de Ferramentas: com base em pesquisa, experimentação e coleta de práticas em organizações jornalísticas, a Énois construiu uma caixa de ferramentas de diversidade para

redações. Neste projeto, encontram-se metodologias e formas para fazer o jornalismo estar a serviço da sociedade.

Diversidade nas redações: o Diversidade nas Redações é um programa de treinamento voltado a fortalecer a diversidade no jornalismo local, por meio de formação direcionada para a gestão e financiamento de organizações jornalísticas nos territórios fora do eixo Rio-São Paulo. Além disso, o programa realiza intercâmbio entre redações e repórteres com foco na produção diversa e representativa.

Mapeamento Cultural Periférico: um levantamento de veículos de comunicação para identificar iniciativas de jornalismo e jornalismo cultural em bairros com pouca cobertura de imprensa dentro dos municípios brasileiros.

Jornalismo e Território: o objetivo desse projeto é compartilhar com jornalistas e comunicadores locais ferramentas para que possam melhorar a cobertura em seus territórios.

Prato Firmeza: guia gastronômico das quebradas é um serviço para quem come e empreende na periferia, cujo objetivo é mostrar e valorizar a gastronomia nas periferias do Brasil.

Sala de Redação: um espaço virtual de encontro e mentoria entre jornalistas, repórteres e comunicadores locais da rede da Énois para produção e distribuição conjunta de investigações e reportagens sobre seus territórios.

Dentro da Énois, Glória é produtora audiovisual e cultural e , além disso, realiza produções independentes no território onde vive. Desta forma, nesta pesquisa, além de buscar compreender a identificação dos sujeitos periféricos na mídia, também busca-se entender como é feito o jornalismo dentro das próprias periferias, onde seja possível os receptores de informações se identificarem e visualizarem suas histórias de vida e cotidiano no que vem sendo noticiado.

No próximo capítulo, os processos metodológicos do trabalho são discutidos de forma que facilite a compreensão dos caminhos percorridos durante a pesquisa, que foram construídos a partir das dimensões da compreensão do jornalismo comunitário produzido dentro da periferia.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho tem como objetivo principal compreender como o jornalismo comunitário do Énois funciona e é percebido pela comunidade. Entre as especificidades da pesquisa está a busca por entender como é produzido o jornalismo dentro de uma periferia, identificar a percepção dos moradores quanto às notícias veiculadas sobre eles e compreender a importância do jornalismo construído dentro da periferia. O foco do estudo é o laboratório de jornalismo Énois, construído dentro e para a comunidade. Como base de estudo para esse trabalho, será acompanhada a rotina da jornalista Glória Maria, que é comunicadora no Énois Conteúdo.

O principal caminho para nortear a pesquisa tem como base a inspiração etnográfica, na qual o foco é o comportamento de sujeitos periféricos diante dos noticiários da grande imprensa e da mídia local de suas comunidades. Geertz (1989) explica o papel da etnografia como um esforço intelectual que contribui para a compreensão de determinados grupos sociais:

Definidora do trabalho de campo antropológico, a etnografia consiste em um esforço intelectual que Geertz caracteriza como uma “descrição densa”. Em busca dos significados subjacentes à cultura de uma coletividade, ela procura desvelar a hierarquia estratificada de estruturas significantes existentes por trás das ações e dos gestos de seus membros (GEERTZ, 1989, apud MENDES, 2012, p.286).

A pesquisa realizada se deu por meio de entrevistas visando desenvolver os objetivos proposto, Foletto e Maldonado (2010) explicam que:

A entrevista permite explorar e captar elementos pertencentes à complexidade do processo estudado, mediante informações, percepções, experiências de informantes, assim como compreender de que forma determinado atributo é percebido pelo entrevistado (FOLETTTO E MALDONADO, 2010, p. 06)

Dessa forma, foi entrevistada a comunicadora Glória Maria, para buscar entender como de fato funciona o jornalismo produzido dentro da periferia, e também, três moradores periféricos, visando assim, entender as percepções que cada um tem sobre a mídia local e a grande imprensa. Além disso, as entrevistas buscam salientar como os moradores consomem informações e qual o impacto que a comunicação tem na vida de cada um, nesse sentido ~~tratando da~~ função social do jornalismo.

As entrevistas foram pré-estruturadas com algumas perguntas já definidas, por exemplo: O que falta para construirmos um jornalismo humanizado, dia após dia, em nosso trabalho diário? Qual a principal diferença que você enxerga no jornalismo produzido aqui dentro e o da grande mídia?, foram questões abordadas na entrevista com a jornalista. Entretanto mesmo com algumas perguntas estruturadas, ao longo da conversa foi direcionado para as visões individuais e de acordo com a experiência de cada entrevistado. Ademais, as entrevistas foram realizadas pessoalmente, a fim de poder observar e entender o cotidiano e realidade na qual as pessoas estão inseridas e vivenciam diariamente.

Outros procedimentos metodológicos deste trabalho incluem a observação, pela qual será analisado como é feito o trabalho da comunicadora e qual a rotina de produção. Para apresentar as observações, foi elaborado um diário de campo resumido, que consta na apresentação de resultados.

Sobre a técnica de observação, Silva (2012) diz que esta é uma técnica que é possível entender mais sobre a vida das pessoas e seus contextos:

Em alguma medida, que observando as pessoas elas poderão contar quem são em seu cotidiano, como vivem em seus contextos, pelo que vivem e como se expressam, e em que e porque acreditam ou não em algo ou alguém, o que pensam do modo como vivem com elas mesmas e com os outros, quais os seus gostos, suas orientações e suas desordens. (SILVA, 2012, p.413)

Por fim, as técnicas escolhidas foram com o objetivo de entender um pouco mais sobre a vivência desses cidadãos, por isso optou-se pelo contato direto com essas pessoas e não análise de jornais. A presente pesquisa sobretudo busca ressaltar o papel humano que o jornalismo tem enquanto uma ferramenta de garantia de muitos dos direitos da população.

A totalidade das entrevistas realizadas pode ser consultada nos Apêndices deste trabalho. No próximo capítulo, os dados coletados nesta abordagem são descritos e analisados de acordo com os propósitos da pesquisa.

4. O CAMINHO ATÉ CHEGAR NA PERIFERIA

4.1 Diário de campo

Nesta pesquisa, foi utilizada a ida a campo, ou seja, a pesquisadora entrou em contato direto com o local pesquisado e entrevistou os sujeitos para a melhor percepção da realidade. “Utilizar-se da entrevista para obtenção de informação é buscar compreender a subjetividade do indivíduo por meio de seus depoimentos, pois se trata do modo como aquele sujeito observa, vivência e analisa seu meio social” (BATISTA; MATOS; NASCIMENTO, 2017).

A entrevista foi realizada com duas moradoras da favela Paraisópolis de São Paulo e uma jornalista, moradora da mesma periferia, que atua como repórter e produtora audiovisual na Énois Conteúdo, laboratório de jornalismo.

Da insatisfação ao observar o noticiário de massa brasileiro e ler as notícias referentes às favelas do país e ao acompanhar a jornalista periférica Glória Maria, nas redes sociais, iniciou-se a busca pela informação. O Brasil de muitas cores, de uma natureza exuberante, aquele reconhecido mundialmente por uma cultura rica, por vezes esquece uma grande parcela de sua população. A periferia do país é retratada apenas por crimes, drogas, mortes e tráfico. Desta insatisfação e ao acompanhar a jornalista periférica, Glória Maria, nas redes sociais, o primeiro contato foi realizado virtualmente, no mês de outubro de 2022, para apresentar a abordagem do trabalho e ver a disponibilidade da profissional em ser entrevistada.

Ao fazer o contato prévio, Glória demonstrou atenção e interesse em participar da pesquisa. Dessa forma, ainda estudando as teorias e escrevendo sobre, era feito o envio das teorias discutidas mensalmente, para que fosse possível a jornalista ficar a par do trabalho. A entrevista foi marcada para ser realizada presencialmente no mês de maio, em Paraisópolis, lugar onde mora Glória. Além de Glória, um dos objetivos era também entrevistar moradores, para entender qual a relação e percepção que se tem da comunicação dentro da periferia, por quem está inserido na realidade.

Ao marcar a data da entrevista com Glória, também foram estruturadas perguntas prévias para entrevista, tanto para ela, quanto para a entrevista com os moradores. Os moradores até então, não tinham nenhum contato, a busca seria pessoalmente, na observação do lugar e percebendo como era a vida dos habitantes.

Foram três dias de pesquisa de campo, um apenas observando o local, outro na busca por moradores para entrevistar e o terceiro para a entrevista feita com a jornalista.

Peço licença a partir de agora, para relatar em primeira pessoa

“DIA 1: o primeiro dia de observação, começou pela manhã, com a minha ida do centro da capital, até Paraisópolis. O dia foi marcante desde a entrada no ônibus, derrubei algumas moedas e uma pessoa me ajudou a juntar com um sorriso no rosto- agradei e sorri também. Talvez aquele sorriso, foi o primeiro que recebi estando já há alguns dias em SP, afinal, a cidade é conhecida pela correria, grandes empresas e homens de negócio, mas sempre soube que tinha algo a mais. Recebi o sorriso como um sinal de que estava no caminho certo, apesar de junto comigo, estar levando muita insegurança de como iriam ser as entrevistas. Estava com fone de ouvido, nele se repetia diversas vezes o trecho de uma música ‘mesmo na guerra Deus me permita ver o paraíso que me cerca’, a música me instigava, mesmo com medo, sentia uma curiosidade imensa do que me esperava. Eu, que já estava há uns dias só observando a correria do centro, sentia falta de conversas comuns e da proximidade das pessoas, já que nasci em cidade interiorana. Enquanto eu seguia ouvindo músicas e observando pela janela o contraste dos bairros do centro até a periferia, o motorista avisa que seria o último ponto, então a minha chegada até a segunda maior favela de SP, Paraisópolis. Desci do ônibus e segui o fluxo de pessoas. Naquele momento, estava ainda mais ansiosa para descobrir o que me esperava. As pessoas conversavam na rua, eu enxergava crianças correndo e muita movimentação. Ao atravessar uma ponte sobre um viaduto, observei que de um lado havia prédios e mais prédios, o famoso bairro Morumbi, na rua que eu estava, uma subida, já era Paraisópolis. As casas, grande parte eram sem pintura, de tijolos a vista. Mercados, barbearias, farmácias, bares e restaurantes tinham vários. No início enquanto caminhava, todas as ruas e casas pareciam iguais, mas passada algumas horas ali, percebi que cada uma tinha um diferencial e uma história por trás, o que me despertava ainda mais curiosidade. O movimento e as pessoas conversando me alegravam muito, sentia liberdade para cumprimentar e acenar por quem passava na rua ao meu lado. Algumas das ruas, tinham bandeirinhas do Brasil penduradas de lado a lado, isso me enchia de amor, ali eu podia ver exatamente a realidade do nosso país, não pelas bandeirinhas, mas pela forma que cada pessoa agia, me encantava poder observar aquilo. Já era perto do horário do almoço, parei para comprar uma água e me surpreendi com o valor, 1 real. Conversei com o moço do mercado e ele me indicou uma carrocinha de lanches vendidos na rua, disse que lá era o melhor

espetinho de Paraisópolis. Mesmo não comendo carne há uns 4 anos, decidi que comeria o espetinho, pois queria viver aquela realidade. Fui até o local, sentei em um banquinho que tinha na rua e enquanto esperava o famoso espetinho, podia observar ainda mais. Era perto do horário do almoço, muitas crianças indo e voltando da escola e moradores passando apressados, mas com um sorriso no rosto. Comi o espetinho e enquanto comia várias pessoas chegaram comprar, algumas comiam no local, assim como eu, outras seguiam andando comendo. Esse primeiro dia de observação, percebi como as pessoas se relacionam e se comunicam entre elas, ali parecia que todos se conheciam e tinham muito bom humor. Voltei para onde eu estava, já com expectativas para os outros dois dias.

DIA 2: neste segundo dia, eu iria em busca de moradores para entrevistar. Novamente peguei um ônibus que se deslocava do centro até Paraisópolis e mais uma vez observando o contraste que eu encontrava no caminho. Fui na parte da tarde, de onde eu estava até chegar, levava cerca de 1 hora. Ao chegar, caminhei um pouco e a primeira tentativa foi parar em um salão de beleza que encontrei. Entrei e cumprimentei duas mulheres que lá estavam, disse que me chamava Camila e que estava realizando uma pesquisa sobre comunicação para o meu trabalho final da faculdade. As duas foram muito gentis, mas disseram que não gostariam de responder, no olhar pareciam meio envergonhadas, eu agradei pela atenção e desejei um bom dia de trabalho, elas me desejaram boa sorte na pesquisa. Ao seguir caminhando, parei em uma loja masculina, conversei com o moço que estava atrás do balcão me apresentando da mesma forma, ele conversou comigo gentilmente, disse que até poderia responder, mas precisava ser mais tarde pois estava consertando algumas coisas da loja, fiquei de voltar depois. A terceira tentativa foi em um mercado, bem na esquina de uma rua que ligava um cruzamento, motos e carros passavam a todo momento por ali. Tinha uma mulher sentada em uma cadeira bem na frente, cumprimentei e disse o que eu estava fazendo, ela super simpática já começou a puxar assunto comigo e me perguntar coisas da vida, disse que poderia responder as perguntas que eu tinha. Busquei deixá-la confortável, como se fosse uma conversa mesmo e assim foi. Ela permaneceu sentada na cadeira e eu sentei em um banquinho ao lado, enquanto conversávamos, dava para ver a movimentação que tinha na rua. A entrevista foi bem agradável, a conversa acontecia com algumas perguntas que eu já tinha estruturado e outras foram surgindo ao longo do que era dito. Ao finalizar, agradei a disponibilidade e atenção. Segui pelas ruas observando mais um pouco até encontrar outro lugar. De uma casa estava saindo uma menina, ela sorriu e eu fui conversar com ela, disse o

que eu estava em busca, na mesma hora ela sorriu e falou que cursava Relações Públicas na Belas Artes. Se mostrou muito receptiva e me convidou para acompanhá-la até a universidade, que no caminho poderíamos ir conversando. Então, assim eu fiz, saí de Paraisópolis e fui até o prédio que ela estudava no centro da cidade. Fomos de ônibus, ao longo do caminho eu ia fazendo as perguntas, em algumas ela até se emocionava, pois tinha consciência do valor que a comunicação tem para garantir os direitos da população. Disse que me admirava, por sair do sul e ir a um lugar desconhecido, buscando ver com meus próprios olhos a realidade. Eu agradei, estava muito emocionada também, pois naquele momento havia entendido ainda mais a função social que o jornalismo representa. Finalizei a entrevista na porta da universidade dela, nos abraçamos e ela foi para aula, eu segui e fui para o lugar onde eu estava ficando. Já sabia que no próximo dia iria entrevistar a jornalista, naquele momento, enquanto eu ainda caminhava pelas ruas, só conseguia pensar sobre a comunicação e vários de seus aspectos, qual é o papel que ela tem diante da garantia dos direitos de uma população e como ela também serve na representação de sonhos.

DIA 3: no terceiro e último dia, fiz o mesmo trajeto de ônibus até Paraisópolis. A entrevista estava marcada para às 12 horas na casa da jornalista. Ao chegar lá, coloquei no mapa a localização e fui até o local. Glória me esperava no portão, junto com ela, estava sua filha Manu, que de cara me abraçou apertado. Glória foi gentil na recepção, me convidou para entrar e sentamos no sofá. Ali mesmo já iniciei a entrevista, primeiramente com perguntas mais sobre a vida dela e depois fui trazendo para o jornalismo. A entrevista foi emocionante, pois Glória tem uma história de muita luta e força nas coisas em que acredita, ao falar sobre sua vida e profissão, demonstrou sensibilidade e afetividade, foram cerca de 40 minutos conversando. Ao sair, agradei imensamente toda atenção que ela me deu desde os últimos meses até agora, dei mais um abraço na Manu, filha dela. E subi a rua, a casa era bem em uma baixada, nos fundos de outras duas. Eram meus últimos momentos ali, horas depois já deixaria São Paulo. Além de observar a forma da construção das casas, também me chamava muito atenção, isso desde o primeiro dia que estive em Paraisópolis, a alegria que as pessoas tinham na rua, sempre cumprimentando umas às outras, ou contando alguma coisa. Ao passar pela ponte que tinha sobre o viaduto, olho para trás e a imagem das casas de Paraisópolis, contrastando com inúmeros prédios do Morumbi, me marcam. Os prédios eram todos iguais, as casas tinham variadas formas e cores.”

O diário de campo é apresentado nesta pesquisa como um relato transmitindo as vivências da autora enquanto a mesma esteve em Paraisópolis para realizar as entrevistas da pesquisa, nele consta o caminho até chegar na periferia e a descrição dos momentos lá experienciados.

4.2 Os meios de busca e consumo de informação da população periférica

A percepção das pessoas sobre as coisas, se dá na medida em que elas acompanham ou vivenciam algo. Os seres humanos são moldados e influenciados pelo que leem, assistem e suas próprias experiências de vida. Segundo Fidalgo (1996), quanto maior o peso dos programas de informação, quantos mais jornais vendidos, maior será a conscientização sócio-política de um povo e, correspondentemente, maior a sua capacidade de participação e de decisão. Entretanto, quando existe a falta de meios fiéis à realidade de um território, abre uma lacuna na percepção das próprias pessoas, já que é impossível que a informação cumpra o seu papel, quando ela é tendenciosa. Para entendermos um pouco melhor essa questão, este tópico vai tratar das percepções que duas moradoras locais têm dos veículos de comunicação periféricos e também da grande mídia. Os nomes utilizados são os verdadeiros, as moradoras concordaram em participar da pesquisa realizada.

Para Vitória, os meios de comunicação que ela mais acompanha são o Instagram e WhatsApp, ela frisa que usa bastante o status do WhatsApp, “fico sabendo de muita coisa por lá, acredita”. Já para a moradora Baste, o que mais acompanha também é o WhatsApp, porém não utiliza Instagram nem Facebook, mas destaca que tem TikTok para acompanhar algumas tendências do mundo atual. Dos meios mais tradicionais de comunicação, nenhuma acompanha rádio. Vitória começou assistir o Bom Dia São Paulo na TV nos últimos meses, “mas a forma como eles noticiam não me agrada muito, porque dá pra ver que são bem tendenciosos”. Já Baste, acompanha o Jornal Nacional e o Jornal Hoje.

Para Baste, as notícias mais marcantes são as de tragédias e violência, “a gente fica meio preocupada, não é que marca, mas a gente fica com medo do que pode acontecer, fica preocupado com a situação”. Seguindo essa linha, Vitória diz que os jornais da grande mídia não fazem a população ter um senso crítico, “eles fazem uma comunicação perfeita pra que não fique tão claro o que eles querem dizer ou que se fica claro é uma questão sensacionalista e você pega aquilo e fica com medo”. As notícias que Vitória mais acompanha são voltadas

para arte, cultura e funk. Já Baste, gosta de acompanhar notícias que falam sobre a jornada de trabalho de mulheres empoderadas.

As duas entrevistas não acompanham nenhum meio de comunicação local de Paraisópolis. Para Baste “pode ser que até tenha, mas eu não conheço nenhum”. Já Vitória diz que sabe de um veículo de comunicação que produz conteúdo sobre o próprio território, mas também não acompanha. Contudo, ela lembra de alguns perfis do Instagram, que o conteúdo é produzido por comunicadores periféricos, que é o @almapretajornalismo e @sobrefunk, esses, ela diz que se informa por meio deles. Reforçando a importância do jornalismo comunitário, Freitas (2006) pontua que é uma possibilidade para a população encontrar espaço e discutir assuntos de seu interesse e que nos grandes veículos de comunicação não são abordados.

4.3 A comunicação é democracia

O impacto de uma comunicação realizada dentro da periferia, é responsável não apenas por informar devidamente todo um território, mas por garantir que as pessoas sonhem e sintam-se representadas. Neste sentido, o impacto de uma comunicação periférica na vida dos moradores de tal periferia é gigante, “quando essas plataformas com jornalistas locais noticiam algo, a chance de eu Vitória ir lá compreender, de eu ir lá entender a notícia, é muito maior”, afirma Vitória. Para Baste, ao assistir notícias que trazem fielmente como é a jornada de trabalho feminina, incentiva, pois apesar da maioria das vezes ser cansativa, “é bonito ver mulheres correndo atrás de seus sonhos”.

O jornalismo é uma forma da população se inteirar sobre o que acontece no mundo. “Então quando o jornalismo de fato existe, ele é uma fonte para as pessoas saberem sobre todos os acontecimentos. Se essa comunicação for contaminada, é muito difícil das pessoas se manterem informadas e gerarem um senso crítico a partir da informação”, destaca Vitória.

O Estado deveria fazer com que a comunicação e o jornalismo chegassem a todas as pessoas, de forma com que as vozes fossem ouvidas e todos se identificassem com o que é noticiado, tendo suas histórias contadas de maneira fiel e com o compromisso de mostrar os problemas da sociedade, visto que a comunicação é fundamental:

A comunicação é essencial para o desenvolvimento humano e social. É através da comunicação que partilhamos informações e conhecimentos. Por isso, o ato de se comunicar com outras pessoas e saber o que acontece no mundo atual são

consideradas como necessidades e direitos básicos dos cidadãos (SANTOS, ALINE, 2017, p.05).

Conforme o relato de Vitória, o jornalismo produzido dentro da periferia cria muito mais conexão entre as pessoas e o que está sendo noticiado. Para ela, ao assistir noticiários de massa, não se identifica com o que está presente, pois é difícil a grande mídia noticiar o que acontece dentro da periferia e quando noticia “é sempre falando mal do nosso território”. Para Vitória a comunicação precisa ser acolhedora, somente dessa forma ela vai cumprir com o seu papel.

Ao ouvir as duas moradoras, percebe-se que as ideias sobre o impacto que a comunicação tem dentro da vida delas e do território no qual habitam, se corroboram. Mesmo com uma grande diferença de idade, é perceptível que as duas estão insatisfeitas com a maneira que o jornalismo da grande mídia aborda a questão territorial da favela em que são moradoras.

Uma periferia é construída com muitas mãos e histórias, a partir do momento em que apenas crimes e violências são noticiados, pessoas são silenciadas e acaba não existindo uma representação e um jornalismo inclusivo, visto que as informações são produzidas pelo viés de comunicadores que não vivenciam aquele cotidiano e não sabem as lutas e anseios da população ali residente. Com isso, podemos perceber de fato que, conforme Peruzzo (1998), o jornalismo comunitário pode ser uma possibilidade na qual a população encontra para ter espaço e ver discutidos assuntos de seu interesse e que nos grandes veículos de comunicação não são abordados.

4.4 Cidadania comunicativa

A comunicação existe para que os seres humanos não só se mantenham informados, mas para que também possam construir uma criticidade e formar opiniões a partir daquilo que consomem.

Ao entrevistar as duas moradoras de Paraisópolis, é notório que, mesmo com uma grande diferença de idade entre elas, as duas estão insatisfeitas com a forma que é construído o noticiário da grande mídia. Para Baesso e Ferraz (2013), na era da informação o jornalismo, muitas vezes, negligencia o estímulo ao exercício da cidadania, em especial o jornalismo realizado pelos meios de comunicação de grande circulação. Estes veículos, em geral, não priorizam temas que colaboram para a formação e o espírito crítico. Visto isso, é perceptível

que as informações dos veículos de massa, não são capazes de exercer a função do jornalismo socialmente, tudo isso pois carregam no noticiário um sensacionalismo que transforma a notícia em mais um produto do mercado. A diversidade e pluralidade são valores que precisam fazer parte da construção da notícia, já que a sociedade é diversa e plural, entretanto a construção da notícia se dá pelo o que quer ser visto e o que chama atenção.

Na atualidade, mais precisamente no sistema empresarial de notícias, muitas vezes esses valores são negligenciados para dar lugar a uma lógica da manutenção do status vigente, na qual o jornalismo deixa de cumprir seu papel de vigilante cão de guarda para se dedicar a fidelizar a atender os desejos de um público leitor estimado (PERDOMO, 2015, p.16).

Ainda, analisando as entrevistas, fica claro que juntamente a uma construção de notícias que não são fiel a realidade, existe a falta de meios de comunicação voltados para as periferias do país. É impossível retratar com fidelidade a história de um território e de pessoas, a partir de um olhar de fora e raso sobre a realidade. A falta desses meios de comunicação, resulta na falta de comunicadores “da quebrada” e que entendem da vida que acontece diariamente ali. A partir disso, a comunicação se torna falha e não inclusiva, fazendo com que o jornalismo abra mão de seus valores éticos. O Código de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) apresenta: “o acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum outro tipo de interesse”.

Por fim, destaca-se que as duas moradoras sentem a necessidade de veículos de comunicação que apresentem histórias de vidas periféricas e que também contribuam para a ascensão da periferia, isso será possível quando comunicadores periféricos estiverem inseridos nos contextos comunicacionais, abordando com fidelidade o que de fato acontece dentro das favelas do país. A forma como é representado determinado assunto na mídia é relacionado pela forma de produção. Soares reforça que “a ideia de representação é, necessariamente, parte do reconhecimento do seu caráter produzido”. (SOARES, 2009, p.19).

5. DE DENTRO DA PERIFERIA: O OLHAR DO JORNALISTA PERIFÉRICO

Neste capítulo é trazida uma análise da entrevista realizada com a jornalista, destacando-se os aspectos da trajetória, rotinas e percepção do jornalismo.

Glória tem 23 anos e é moradora de Paraisópolis, se apresenta como mulher negra e mãe da Manu. É Jornalista formada pela Escola de Jornalismo- EJ da Énois Conteúdo no ano de 2017 e também co-fundadora do Estúdio 7 Notas, que é um espaço para formação de crianças e jovens na área musical.

Ao ser questionada sobre como teve o primeiro contato com a comunicação, diz que foi na escola. “A comunicação para mim surge a partir da minha matéria favorita que era história, eu tinha um professor que trazia muitas críticas sociais e aí o jornalismo e a comunicação vêm nesse momento que eu começo a escrever, começo escrever algumas críticas sociais”, reforça a jornalista.

Glória conta que é natural de Brasília e que quando foi para São Paulo, na sua adolescência, foi acolhida por projetos sociais. “Um deles foi o Você Repórter da periferia, ali do Jardim Ângela, onde durante seis meses fiz um curso de jornalismo para jovens, totalmente gratuito e a Énois, lugar que eu trabalho hoje e na época tinha uma escola de jornalismo, onde você passava um ano fazendo a formação”, conta.

O jornalismo diante de problemas sociais que estão enraizados na sociedade é uma ferramenta para a desconstrução de pensamentos limitantes que impedem um povo de evoluir. O fazer e construir jornalismo exige cada vez mais sensibilidade e humanidade nas pautas abordadas. “Eu acho que escutar as pessoas e considerar que as pessoas sempre têm coisas para ensinar para a gente”, é uma das frases mais marcantes que a jornalista periférica de Paraisópolis, Glória Maria, relata ao ser entrevistada. Para Glória é necessário ter humildade na escuta, isso é o que muda e transforma o fazer jornalismo. “Ter humildade em escutar as histórias das pessoas e em considerar que as histórias das pessoas fazem parte desse conjunto todo que formou uma comunidade ou formou uma língua ou uma cultura”- diz. Para Dines 2009, o jornalismo deve transmitir histórias de interesse humano, providas de diferentes pontos de vista e modos de vida que compõem o mundo.

Ao ser questionada sobre como construir um jornalismo humanizado no trabalho rotineiro, a comunicadora pontua a escuta como um dos pontos principais, entretanto, para ela, faz-se necessário fontes diversificadas e especialistas também. É preciso mudar as regras, Glória cita um exemplo: “em alguma matéria de economia, geralmente são homens brancos entrevistados, sendo que temos também mulheres negras, homens negros, indígenas.. enfim, como conseguimos diversificar nossas fontes?”, são diversos caminhos que podem ser feitos para um jornalismo que contemple toda a diversidade e seja inclusivo.

Para a jornalista, as principais diferenças do jornalismo produzido dentro da comunidade e o jornalismo da grande mídia, é que os veículos locais têm um contato direto com os moradores. “Acaba gerando uma identidade, pois quando o morador liga o jornal nacional, ele não vai ver notícia sobre o bairro dele ou quando vê, é somente relacionado a violência”, relata. Neste momento, Glória destaca um ponto trazido também pelos moradores entrevistados: a falta de notícias sobre a favela na mídia de massa e quando tem, apenas a retratação de crimes e violência. Galli (2021) destaca a ideia de que o jornalismo comunitário contribui ainda na socialização dos cidadãos que normalmente não são protagonistas nas atuações e nas narrativas do jornalismo tradicional.

“Então, é necessário você ter um jornal que conte a história de por exemplo quem foi a primeira pessoa que habitou Paraisópolis enquanto era uma fazenda, contar esse histórico e conseguir registrar isso, é importante para que a nossa história não seja apagada como foi diversas outras vezes”, ressalta.

Nestes pontos abordados, Glória destacou a importância da sensibilidade na escuta juntamente com um olhar especial para as fontes utilizadas em entrevistas, pontuando que por meio delas é possível garantir maior inclusão dentro do jornalismo. Ainda, demonstrando a insatisfação sobre a forma que a grande mídia cobre os acontecimentos periféricos.

O jornalismo impacta diretamente na vida das pessoas a partir do momento que ele insere ou não um ser humano na sociedade. A comunicação não trata apenas de fatos, mas sim de narrativas que fazem a existência e vivência de as pessoas fazerem sentido. Para Glória, três perguntas são fundamentais: que narrativa eu estou falando? Estou falando de quais vivências? Quais dores ou quais potências?

Para a jornalista, se questionar isso é garantir que o jornalismo cumpra sua função social com ética e respeito a todos os indivíduos. “Existe uma grande briga de narrativas, pois temos a mídia tradicional, que não cobre o nosso território e isso é um grande problema, pois eles não enxergam, não convivem, não sabem na pele quais são os problemas da comunidade”, destaca.

A ênfase nas relações de poder é um ponto importante ao se pensar o jornalismo produzido nas periferias de São Paulo, que trata de regiões que historicamente recebem um tipo de cobertura jornalística enviesada e baseada em estereótipos (sobretudo ligados à criminalidade), ou mesmo nenhuma cobertura (TAVARES, 2019, p.14).

Faz-se necessário uma troca com comunicadores de diversos outros lugares, para ter um jornalismo plural e democrático, onde a população seja a maior beneficiada. “Pois quando trazemos uma única narrativa, acabamos violentando e apagando a existência de outras pessoas e essas pessoas existem, então elas precisam contar as suas histórias”, pontua a jornalista.

Jornalismo também é garantia de direitos e acesso, sem ele a cidadania não é garantida pois a população não tem acesso a informações básicas. Para Glória, no jornalismo ou você está ao lado do povo ou não está. “Então se você está ao lado do povo e pode construir uma matéria que denuncie ou mostre algo, já é uma grande ajuda para a comunidade” ressalta.

É possível ver o quanto a mídia massiva torna vulnerável os direitos da população, não apenas deixando de lado uma parcela da sociedade, mas também fazendo com que a democracia se torne frágil e isso impacte na evolução do coletivo e da cidadania.

Conforme a entrevista, fica perceptível a necessidade da presença de veículos de comunicação dentro das periferias e de comunicadores que venham da favela para abordar com propriedade aquilo que tem sido feito com um só olhar, o branco e hegemônico. A falta de jornalistas da periferia faz com que vozes sejam silenciadas e com que o jornalismo não seja feito de forma diversa e inclusiva.

Por meio da conversa com Glória, foi possível entender como é produzido o jornalismo dentro da periferia e o impacto que ele tem na comunidade, alcançando assim o primeiro objetivo proposto pelo trabalho. Em relação a percepção que os moradores têm sobre eles no

que é veiculado na grande mídia, compreende-se a insatisfação e a não identificação no que acompanham.

Por fim, a importância do jornalismo construído dentro da periferia, é compreendida com as entrevistas realizadas com os moradores e com a jornalista, percebendo que todas dialogam com percepções e visões sobre o jornalismo e a comunicação, exemplo disso, é a fala de uma das moradoras que pontua a forma como os acontecimentos são noticiados “é sobre noticiar aquilo exatamente como está acontecendo, porque são pessoas que sabem como é aquele território que já foram ou são de periferia”: Para reforçar isso, em entrevista com a jornalista ela destaca que a forma que as notícias são transmitidas é o que vai criar ou não uma identidade, “aqui dentro, a gente tem alguns veículos locais né e a diferença é que tem um contato com os moradores, então acaba gerando uma identidade”, ressalta.

Após a apresentação de resultados e discussão deste capítulo, seguem as considerações finais, organizando de que forma os objetivos da pesquisa foram alcançados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As periferias do Brasil reforçam significativamente toda a diversidade existente no país. Desde o surgimento, são parte de inúmeros momentos históricos e lutas por um Brasil melhor. O modo como a grande mídia retrata os moradores e o cotidiano desses locais por muitas vezes é estereotipado e com o olhar de quem não está inserido em tal contexto.

Todos os dias moradores dessas comunidades se reinventam de inúmeras formas para conseguir vencer os obstáculos sociais, raciais, políticos e econômicos. Compreender a importância de dar voz aos moradores das periferias faz-se cada vez mais necessário para fortalecer as origens do país e contribuir para a construção de uma consciência coletiva por meio do jornalismo, pelo qual é possível entender que as favelas não são locais isolados, mas sim um ambiente multicultural.

Neste trabalho foram abordados os estudos de recepção e produção de sentidos, para entender quais sentidos os moradores das periferias brasileiras produzem ao receber informações e como isso impacta no cotidiano e na realidade da vida destas pessoas. Foi por meio de entrevistas com duas moradoras da favela Paraisópolis e com uma jornalista do local juntamente com a técnica de observação, que os objetivos propostos inicialmente pelo trabalho foram atingidos.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, se identificou quais são as percepções dos moradores periféricos em relação a grande mídia e qual a diferença da mídia massiva e do jornalismo produzido dentro da periferia. Os moradores demonstraram-se insatisfeitos com a forma que é noticiado a periferia e não se sentem identificados com suas histórias de vidas e trajetórias. Assim como a visão que a jornalista apresenta, de insatisfação com a forma que o jornalismo é construído na grande mídia. Os meios de comunicação que os moradores mais utilizam é o WhatsApp, além dele, se informam por meio de jornais da televisão, como o Jornal Nacional e o Bom Dia São Paulo.

Respondendo o objetivo principal do trabalho, os sujeitos periféricos não têm o sentimento de representação na grande mídia, pois não veem notícias sobre as favelas do país e quando veem é com um olhar que não representa as vidas que existem ali dentro. Apenas crimes e violências ganham destaque, como se a periferia se resumisse a isso. Os moradores pontuam

que essas informações são sensacionalistas e causam medo e insegurança, não cumprindo assim a função social do jornalismo.

Ao entrevistar a jornalista periférica Glória Maria, fica nítida a importância que o jornalismo comunitário tem diante de toda a sociedade, sendo que a principal diferença é o contato direto com os moradores, que além de se sentirem ouvidos e respeitados, não se deixa a história apagar. O jornalismo comunitário ganha destaque na pesquisa, fazendo-se necessário para garantir os direitos da população periférica que a mídia massiva deixa a desejar.

Na pesquisa, é apresentado o meio de comunicação que a jornalista trabalha, o Énois Conteúdo, que além de ser formado por uma equipe diversa, constrói um jornalismo amplo, olhando diretamente para as histórias de vidas periféricas. O veículo de comunicação é feito por comunicadores da periferia, que impulsiona a diversidade, representatividade e inclusão no jornalismo brasileiro.

Durante a pesquisa de campo, o sentimento foi de desafio e de esperança em cada entrevista. Para fazer jornalismo é fundamental que a busca pela verdade caminhe juntamente com a ética profissional de fazer o jornalismo cumprir socialmente as suas funções e assegurar que as pessoas tenham seus direitos garantidos. Ter acesso à informação é garantir que a democracia exista para todos.

Ainda, faz-se necessário que os comunicadores garantam às comunidades um jornalismo humano e ético, que cada vez mais conheçam lugares com seus próprios olhos e produzam as notícias a partir das vivências de quem vive cotidianamente tais realidades, seguindo por exemplo, o pensamento da jornalista entrevistada: que narrativa estou falando? de quais vivências? de quais dores ou quais potências?

A partir do que foi observado e dos resultados encontrados, pode-se concluir que veículos de comunicação como o Énois Conteúdo e jornalistas que vivem no contexto periférico são fundamentais para a construção de um jornalismo plural, diverso e democrático. Afinal, democracia é acesso à informação para todos.

REFERÊNCIAS

A PERIFERIA NO CENTRO DO MUNDO. **Mobilidade Estadão**, São Paulo, 26 de jun. de 2021 Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/referencia-site-abnt-artigos/> Acesso em: 12/11/2022

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. Jornalismo Humanizado: o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico. In: Anais do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul- INTERCOM SUL: Guarapuava. 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf> Acesso em: 10/12/2022

BACCEGA, Maria Aparecida; DE OLIVEIRA GUIMARÃES, Margaret. Da comunicação à educação: a importância dos estudos de recepção. **Comunicação e Educação**, v. 11, n. 3, p.409-414, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37603> Acesso em: 15/12/2022

BATISTA, Eraldo Carlos; DE MATOS, Luís Alberto Lourenço; NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v.11, n. 3, p. 23-28, 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17910> Acesso em: 07/05/2023

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007). Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/> Acesso em: 09/05/2023

DA SILVA MENDES, Gláucia. A construção da notícia sob a ótica etnográfica: contribuições da antropologia para os estudos de jornalismo. **Comunicação e Sociedade**, v. 34, n.2, p. 283-303, 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2790> Acesso em: 09/01/2023.

DA SILVA, Marcos Antonio. A técnica da observação nas ciências humanas. **Revista Educativa-Revista de Educação**, v. 16, n. 2, p. 413-423, 2013. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/viewFile/3101/1889> Acesso em: 10/01/2023

DANTAS, José Guibson. Pelos caminhos das mediações: a contribuição de Jesús Martín-Barbero para os estudos de recepção midiática. **Eletrônica- Revista científica do Departamento de Comunicação Social da UFMA Jan/Dez. de**, 2009. Disponível em: http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2009/dantas.pdf Acesso em: 05/12/2022

DE ABREU, Alzira Alves. Jornalismo cidadão. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 31, p. 25-40, 2003. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2185> Acesso em: 03/06/2023

DE FREITAS, Viviane Belizario. O papel social do jornalismo comunitário: Um estudo do Jornal Cantareira. 2006. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/freitas-viviane-papel-social-do-jornalismo-comunitario.pdf> Acesso em: 19/12/2022

DE OLIVEIRA, Dennis. Breves reflexões sobre o jornalismo alternativo. **Revista Alterjor**, v. 20, n. 2, p. 02-04, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/159938> Acesso em: 10/05/2023

DE SOUSA, Mauro Wilton. A recepção sendo reinterpretada. **Novos olhares**, p. 39-46, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51308> Acesso em: 29/11/2022

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão do jornalista**. São Paulo: Summus Editorial, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/180243> Acesso em: 12/12/2022

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre a produção e a recepção. In: **E-compós**.2009. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/348> Acesso em: 10/12/20

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Quando a recepção já não alcança, por uma revisão no objeto e método. 17º ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Anais, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/348> Acesso em: 02/12/2022

FELIN, Saulo. Considerações sobre a Indústria Cultural sob Perspectiva da Escola de Frankfurt. **Revista Sociais e Humanas**, v. 22, n. 2, p. 73-79, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/1181> Acesso em: 05/12/2022

FIDALGO, António. O consumo de informação. Interesse e curiosidade. **Universidade da Beira Interior. Internet**. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/fidalgo-antonio-interesse-curiosidade-informacao.pdf> Acesso em: 07/05/2023

FOLETTTO, Rafael. Desafios teóricos da pesquisa com sujeitos comunicantes: a contribuição da noção de cidadania comunicativa. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 131, p. 277-292, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/160/16057385017/16057385017.pdf> Acesso em: 17/12/2022

FOLETTTO, Rafael; MALDONADO, Efendy. Tempos de Mudança: os novos caminhos do Paraguai contextualizados à luz do relato de Juan Días Bordenave. **RuMoRes**, v. 4, n. 7, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51186> Acesso em: 17/12/2022

GALLI, Giuliano Tonasso. O jornalismo comunitário, a democracia e as identidades individuais e coletivas. **Revista Alterjor**, v. 23, n. 1, p. 99-124, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/180243> Acesso em: 21/12/2022.

GROHMANN, Rafael. Estudo de Recepção com jornalistas: reflexões metodológicas. **Parágrafo**, v. 1, n.1, p. 71-82, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/112> Acesso em: 10/12/2022

IJUIM, Jorge Kanehide. A Responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. Em questão, v. 15, n. 2, p. 31-43, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645961003.pdf> Acesso em: 04/12/2022

MARCONDES FILHO, Ciro. Comunicação e jornalismo: saga dos cães perdidos. 2002. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001296765> Acesso em: 18/12/2022

Marx, Karl, and Friedrich Engels. *Manifesto comunista*. Boitempo Editorial, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=6rhj8MBYKQ0C&oi=fnd&pg=PA6&dq=existe+um+grande+papel+da+sociedade+na+forma%C3%A7%C3%A3o+das+ideias,+marx+engels&ots=HiO9shOCCA&sig=QaGffEADtDCIk7Lf553iijUtidI> Acesso em: 15/12/2022

MATA, Maria Cristina. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*. São Leopoldo, RS, v. VIII (1), p. 5-15, janeiro/abril, 2006. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228893872.pdf> Acesso em: 12/11/2022

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. In: *E-Compós*. 2004. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/8> Acesso em: 15/12/2022

PAIVA, Raquel. JORNALISMO COMUNITÁRIO: UMA REINTERPRETAÇÃO DA MÍDIA. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/102922278195778175679166277312878298186.pdf> Acesso em: 03/06/2023

PERDOMO, Nidiane Saldanha. A função social do jornalismo no mercado de notícias. 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/125969> Acesso em: 18/12/2022

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Editora Vozes, 1998. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf> Acesso em: 18/12/2022

PERUZZO, Cicilia MK. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** 2006. p. 1-17. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf> Acesso em: 21/12/2022

Santos, Aline. *Legislação do Jornalismo.* Clube de Autores, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=iQp6DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP5&dq=jornalismo+garantindo+direitos+das+pessoas&ots=G9V67_G9yZ&sig=ZjeVTODQ42LZLHGXCdjkE4NoE5Q Acesso em: 07/05/2023

SOARES, Murilo César. Representações, jornalismo e a esfera pública democrática. 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/kgsw8> Acesso em: 17/12/2022

TAVARES, Luisa et al. O jornalismo das periferias de São Paulo entre a experimentação e a atualização de práticas convencionais. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215721> Acesso em: 10/06/2023

TRISTÃO, Marise Baesso; MUSSE, Christina Ferraz. O direito à informação e o (ainda restrito) espaço cidadão no Jornalismo Popular impresso. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 36, p. 39-59, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/N55MkN88RhhNd8JORghfCVS/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10/05/2023

APÊNDICE A- Entrevista com a jornalista

1. Quando começou a ter interesse pela comunicação?

A comunicação pra mim surge a partir da minha matéria favorita que era história, eu poderia tirar nota ruim em todas as matérias, mas em história eu não tirava, pois eu tinha um professor que eu gostava muito, era minha aula favorita. Era um professor que trazia muitas críticas sociais e aí o jornalismo e a comunicação vem a partir desse momento que eu começo a escrever, eu tinha um caderno, que está na minha mãe inclusive, que a partir dos 13 anos eu começo escrever algumas críticas sociais e aí eu fui entendendo que eu gostava daquilo. Quando eu vim pra SP, fui acolhida por projetos sociais, que foi o Você Repórter da periferia, ali do Jardim Ângela, onde durante seis meses ele oferece um curso de jornalismo para jovens, totalmente gratuito e a Énois, lugar que eu trabalho hoje, na época tinha uma escola de jornalismo, onde você passava um ano fazendo a formação. A Énois hoje é um laboratório que trabalha para impulsionar a diversidade e representatividade no jornalismo, então a comunicação foi a partir desses dois sentidos assim e eu também fui conhecendo pessoas da comunicação, do jornalismo e aí eu me encontrei nesse lugar.

2. Onde e como foi o primeiro trabalho da área?

Então, eu lembro que um dos meus primeiros trabalhos, surgiu a partir do Tony Marlon, um jornalista e fundador de diversos projetos, o Tony ele tem diversos projetos que vai soltando nas mãos das pessoas e outras pessoas vão tocando. Ele me convidou pra trabalhar, escrevendo uma matéria por semana, no portal da prefeitura, chamado portal da juventude, no tempo que o Haddad era prefeito em São Paulo. Esse foi meu primeiro trampo, e aí às vezes eu escrevia, como eu participei das ocupações das escolas estaduais, eu escrevia alguns artigos falando sobre a importância das ocupações, das repressões que a gente estava vivendo no tempo.

3. Como você vê a importância que o jornalismo tem diante dessas críticas sociais que você disse?

O jornalismo ele tem uma grande importância pois é uma questão de narrativas né e a comunicação ela tem essa importância... então que narrativa eu estou falando? Estou falando

de quais vivências? Quais dores ou quais potências? E aí essa grande briga de narrativas, pois temos a mídia tradicional, que não cobre o nosso território e isso é um grande problema, pois eles não enxergam, não convivem, não sabem na pele quais são os problemas da comunidade. Então ter esse jornalismo diverso, o trabalho da Énois por exemplo, que tem a função de principalmente impulsionar a diversidade no jornalismo e apoiar comunicadores locais, é muito importante por que a gente vai que o jornalismo precisa estar a partir de diversas perspectivas, a partir de narrativas de mulheres negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, tudo é diverso né. Nós temos uma biodiversidade gigantesca na terra, nós somos essa natureza diversa, então é importante que tenhamos essa comunicação que possa trazer diferentes histórias, não se pode só centralizar uma narrativa, que é a narrativa branca, homogênea, racista. Então é importante que a gente converse com outros comunicadores, de diversos lugares, pois é isso, quando trazemos uma única narrativa, acabamos violentando e apagando a existência de outras pessoas e essas pessoas existem e elas precisam contar as suas histórias.

4. Qual a principal diferença que você enxerga no jornalismo produzido aqui dentro e no jornalismo da grande mídia?

Aqui dentro, a gente tem alguns veículos locais né e a diferença é que tem um contato com os moradores, então acaba gerando uma identidade, pois quando o moradores ele liga o jornal nacional, ele não vai ver notícia sobre o bairro dele ou quando vê, é somente relacionado a violência. Então você ter um jornal que conte a história de por exemplo quem foi a primeira pessoa que habitou Paraisópolis, enquanto era uma fazenda, contar esse histórico e conseguir registrar isso, é importante para que a nossa história não seja apagada como foi diversas outras vezes.

5. O que falta para construirmos um jornalismo humanizado, dia após dia, em nosso trabalho diário?

Eu acho que escutar as pessoas e sempre considerar que as pessoas sempre tem coisas para ensinar pra gente né, por que uma coisa que eu vou começar a bater muito em diversas áreas da minha vida, é essa questão do ego. Quando por exemplo vem um jornalista homem branco, super egocêntrico, que acha que sabe de tudo e não ouve por exemplo a narrativa das pessoas que estão aqui dentro. Então precisamos ter humildade em escutar as histórias das pessoas e em considerar que as histórias das pessoas fazem parte desse conjunto todo que formou uma

comunidade ou formou uma língua ou uma cultura. Então essa humildade de ouvir e ter fontes diversificadas, especialistas, pois sei lá, em alguma matéria de economia por exemplo, geralmente são homens brancos entrevistados, sendo que temos também mulheres negras, homens negros, indígenas.. enfim, como que conseguimos diversificar também essas fontes, existe diversos caminhos para que possamos ter esse jornalismo que contemple toda uma comunidade, toda uma diversidade.

6. Como fazer que o jornalismo garanta os nossos direitos?

Vou trazer um exemplo que a gente sempre usa na Énois, que é um exemplo muito bom, lá temos um programa que se chama diversidade nas redações, já teve duas edições e em cada edição nós apoiamos dez redações locais, com foco na região norte e centro-oeste do país. Nós acompanhamos essas redações e damos uma grana para que elas pudessem contratar um repórter e cobrir em especial as eleições, que foi ano passado. Então damos o suporte financeiro, formação voltada e gestão, a questão de RH, como cuidar da equipe, pois precisamos ter uma equipe saudável para conseguir trabalhar. Aí temos o exemplo de um repórter que passou pelo programa, que foi o responsável por denunciar uma população indígena, que não estavam na fila da prioridade para vacinação da covid e essas populações são prioridade. Com isso, a partir da matéria que chegou no ministério público, teve a ação de ir lá vacinar essas pessoas. Então, graças a uma matéria, essa ação aconteceu. E tem vários outros exemplos de denúncias que conseguem levar isso ao poder público, provas e apuração, mostrando que esse é o papel do jornalismo. Pra mim o jornalismo não tem imparcialidade, ou você está do lado do povo ou não tá. Se você está ao lado do povo e pode construir uma matéria que denuncie ou mostre algo, você já ajuda muito uma comunidade. Então esse é um exemplo clássico que aconteceu na Énois e que a gente sempre cita. Então graças a uma matéria conseguimos que a população fosse vacinada e não corresse risco de morrer.

7. Como você se sente contribuindo de uma forma tão significativa e importante para sua comunidade?

Eu sinto um amor muito grande por Paraisópolis, acho que esse é o primeiro ponto. Paraisópolis me ensinou muita coisa, quando eu cheguei de Brasília, que é uma outra periferia, de outra perspectiva, muito diferente, a partir do momento que eu tive contato com as ocupações das escolas e manifestações, eu fui construindo o meu eu e acho que

Paraisópolis me trouxe muito uma questão crítica sobre a vida, de olhar o nível de desigualdade. Estamos muito próximos do Morumbi e também de enxergar as violências nas quais eu estava inserida, enquanto mulher, enquanto mulher negra, mãe, enfim, em todas essas estatísticas. Então acho que vir pra Paraisópolis me trouxe essa filosofia sabe, de falar caramba...acontece isso por causa disso e como eu consigo por meio de um projeto social, ajudar que isso seja reduzido, pois não vamos acabar infelizmente, tudo que a gente faz de projeto social na comunidade, são lacunas do estado, já que não existem projetos do estado assim, então a gente vai tentando fazer. Eu gosto, me sinto muito feliz e realizada em conseguir contribuir na minha comunidade, um lugar que me ensinou tanto. Outra coisa que me ajuda muito é a questão do aprendizado coletivo, passei por vários processos da minha vida e sempre volta a questão do ego, pois precisamos do coletivo e precisamos dele para existir, a sociedade é coletiva e a natureza, que somos nós também, pois sempre separamos nós da natureza, nós somos parte, somos ela e a gente precisa um do outro assim como as plantas, assim como outras diversas biodiversidades. Eu comecei a entender a importância do coletivo e que a gente precisava fazer as coisas em conjunto. Tudo que eu li ultimamente, diz que estamos muito conectados, às plantas por raízes, os rios conectados com os peixes e algas e aí eu vejo tudo nessa grande conexão.

8. Você consegue separar o seu eu pessoal da tua profissão?

Acho que não, é difícil, por que 24 horas da minha vida eu to muito pilhada nessa questão de trampo né, mas é algo que faz muita parte de mim, da minha característica, pois venho de um lugar de muita militância, de coisas que me machucaram muito e eu tive que transformar em força. Não consigo separar ainda a Glória profissional do pessoal, não sei se um dia vou conseguir fazer isso. Porque a glória pessoal é uma Glória ativista profissional que se achou assim, se achou no jornalismo, que se tornou uma grande paixão, uma coisa que eu amo.

9. Você falou sobre sabermos ouvir o outro, pode falar um pouco mais sobre esse lugar de escuta?

Eu acho que o ser humano em si ele tem dificuldade de se manter em silêncio, o silêncio em si ele é muito importante e eu tenho aprendido isso muito na minha vida pessoal, principalmente na meditação, a importância da gente se silenciar, pois aprendemos muito com o silêncio. E ouvir as pessoas é importante pois muitas vezes a gente fica ansioso e só quer falar e falar,

então temos que pontuar isso e ouvir outras pessoas é importante pois estamos ouvindo outras histórias, histórias as quais não sabíamos, ou até mesmo histórias sobre o nosso território e às vezes só ouvimos uma versão da história, mas será que você chegou ouvir a outra versão da história. Eu penso que é essencial o jornalista conseguir se silenciar, conseguir a partir de uma conversa muito natural conversar com o entrevistado ou com a fonte por que, por exemplo as vezes quando você chega para entrevistar alguém, aquela pessoa fica muito nervosa, principalmente pessoas que nunca tiveram contato com isso ou nunca deram entrevista. Então é importante que a gente crie um ambiente aconchegante e acolhedor, acho que o afeto também precisa estar presente no jornalismo, porque são coisas que mexem com a gente, é isso, eu sinto que se uma coisa acontece lá na região amazônica, impacta a gente aqui diretamente, tudo está conectado. Então como a gente cuida do outro, da nossa fonte, como temos responsabilidade com essa vida e escuta né, pois é isso, aquela pessoa está contribuindo no seu trabalho e também para sociedade pra gente mostrar o que está acontecendo.

10. Fala um pouco sobre a Énois:

A Énois surge a partir de oficinas, as co-fundadoras davam oficinas em uma casa no campo limpo, eles faziam revistas com alunos de uma escola. Após isso elas fundaram a Énois, primeiramente sendo criada a EJ, que é a Escola de Jornalismo, que teve algumas turmas, passaram cerca de 500 jovens, formados aqui das periferias de São Paulo e era um curso com duração de 1 ano. Eram criados alguns produtos, eu fui da turma de 2017, aí em 2019 a EJ acaba e a Énois vira um laboratório de jornalismo, então alguns ex-alunos trabalharam lá como residentes, eu fui uma dessas alunas. Estava como residente ali, pegando experiência, trabalhei na área de formação, a Énois é um laboratório, mas a parte principal dela são as formações, é a educação, então estamos falando sobre apoiar comunicadores e veículos locais, que esse é nosso objetivo, estamos querendo que veículos novos nasçam e também apoiem os que já existem. Nosso objetivo é fazer tudo em rede e a Énois ser referência de fortalecimento do jornalismo local. São 15 pessoas que fazem parte da Énois.

11. Quantos veículos de comunicação tem aqui em Paraisópolis?

Só conheço um jornal aqui, que é do pessoal do G10, jornal Espaço do Povo. Ah tem um curso que surgiu também, um curso Mais Saúde na Quebrada, uma revista que eles dão

formação de jornalismo voltado a saúde e no final os jovens produzem uma revista sobre saúde.

APÊNDICE B- Entrevista com os moradores

Morador 1- Baste Silva Hora Cedro, 41 anos

1.Quais os meios de comunicação que a senhora mais acompanha?

WhatsApp, eu não tenho Instagram e nem Facebook, também tenho TikTok..

E dos mais tradicionais tipo TV, rádio...Jornal, gosto de jornal, também. E qual o jornal que a senhora mais acompanha? Eu assisto o Jornal Nacional e o Jornal Hoje.

2. A senhora se identifica com o que é noticiado nestes jornais?

Algumas notícias sim. **Quais que a senhora mais se identifica?** Ah, as do dia a dia, das muitas mulheres que correm atrás dos seus objetivos, né? Trabalha, cuida de casa, de filho, marido, né? Aquelas que vivem na correria.

3. Tem algum jornal local aqui de Paraisópolis que a senhora acompanha?

Não, não acompanho nenhum. Pode ser que tenha, mas eu não acompanho.

4.Você sente que o que é noticiado impacta no teu dia a dia? Por exemplo nas decisões que a senhora vai tomar...

Não, não faz muita diferença. Eu não acompanho muito, também a gente não tem nem muito tempo, né? Só trabalha e chega em casa vai ajeitar tudo, só dá tempo de assistir o jornal nacional e o de São Paulo mesmo.

5. Tem alguma matéria, alguma notícia que te marcou algum tema que a senhora lembra até hoje?

Tem muita notícia que é bem marcante, né? Muita tragédia, muita violência aí a gente fica meio preocupado, não é que marca, mas a gente tem medo do que pode acontecer, fica preocupado com a situação.

6. E quando a senhora vai acompanhar um noticiário, sente que são mais essas notícias que chamam atenção, essas que a gente se preocupa, ou alguma notícia, por exemplo, como tu disse antes das mulheres trabalhadoras?

Gosto mais de acompanhar essa daí, né? Porque eu sei que a violência é a realidade, mas meio que se a gente não vê, se a gente não ouve, a gente dá uma paralisada, e quando você vê você fica mais chocada, você se preocupa mais. Eu gosto de ver mais assim, notícias de mulheres empoderadas, mulheres correndo atrás do seus objetivos, aí dá uma animada. Incentiva né.

7. Você sente que a comunicação tem alguma importância na sua vida? Tem sim, tem que ter, né. O que a senhora acha que seria importante?

Ah como eu falei, eu não tenho Facebook nem Instagram, optei por não ter, mas o Zap a gente se comunica, é rapidinho você envia uma mensagem se quer resolver alguma coisa e não precisa ser ir até ter pessoa, por ali mesmo você resolve. E às vezes também, como no noticiário, você quer sair, você vai ver a previsão do tempo. Então também ajuda muito.

Morador 2- Vitória Almeida, 24 anos

1. Quais os meios de comunicação que você mais acompanha?

Instagram e WhatsApp e os status do WhatsApp. **Os status do WhatsApp?** Acredita, eu fico sabendo de muita coisa através de lá. **E os meios mais tradicionais?** Rádio eu não escuto, TV eu comecei por conta do trabalho que eu estou tendo e tal, de ficar um pouco mais em casa pra eu não me sentir tão sozinha eu acabo ligando a TV e ligo no jornal, isso faz com que eu tenha contato com notícias, mas a forma como eles noticiam não me agrada tanto, porque dá pra ver que eles são bem tendenciosos.

2. Quais jornais você acompanha?

Bom Dia São Paulo eu gosto e os da Globo eu vejo, mas por exemplo às vezes não está passando a Globo e aí tá no SBT e o SBT que tem mais essa linha de jornalismo tendencioso, sensacionalista. Jornalismo sensacionalista, que pende mais pra esse lado da polícia e que faz

você ter medo de tudo ao mesmo tempo. Não passa aquela notícia de uma forma limpa mesmo, imparcial como eu vejo que poderia ser quando você noticia algo.

3.E como você enxerga a importância da comunicação e do jornalismo na nossa sociedade?

Acho que isso linca um pouco com a resposta anterior, que a partir do momento que o jornalismo, tanto na TV ou enfim plataformas de jornalismo, quando elas existem, elas são uma fonte de conhecimento e para que as pessoas realmente se inteirem se atualizem do mundo. Então se esse tipo de comunicação for contaminada, é muito difícil que essas pessoas sejam informadas da maneira correta. Mas se for um jornalismo realmente leal e imparcial, uma notícia bem feita, isso faz com que a sociedade como um todo possa ser noticiada, possa se manter informada e possa de fato gerar um senso crítico a partir do momento que ela tem as informações do que está acontecendo no mundo, na sociedade.

4.E como isso te influencia? As notícias que você acompanha tem alguma influência nas tuas decisões?

Me influencia muito. É engraçado, porque eu Victória acabo mudando muito de fontes de notícias. Por exemplo, tive um momento da minha vida alguns dias atrás que eu não estava tanto no Instagram, mas estava muito na TV, no Bom Dia São Paulo. Aí agora eu tô bastante no Instagram, mas eu não tenho um perfil certo que eu pego e fico vendo notícias tipo, aqui eu vou descobrir o que está acontecendo. Na minha área que é mais essa questão do artista, de cultura, eu gosto muito de ver sobre o que está sendo feito. Eu gosto de saber notícias do mundo do funk. Eu gosto muito de acompanhar o que está acontecendo com os artistas, movimentações de contratação, que realmente não são noticiado nas mídias tradicionais. Aí eu vou na Sobre Funk, lá tenho eu notícias sobre os artistas, sobre coisas novas que estão acontecendo no mundo, então eu fico sabendo um pouco de tudo ali.

Eu percebi também que eu sigo um Instagram, que do nada aparece coisa lá que é o portal da fofoca. É engraçado, porque de alguma forma aquilo me impacta e agora eu tô começando a ter um exercício de se é uma notícia que me impactou muito forte, eu vou lá e tento pesquisar em alguma outra plataforma mais oficial, um G1 da vida, pra eu ver se aquilo que realmente aconteceu naquela situação, porque geralmente nesses portais, nesses insta de fofoca, eles te dão uma manchete bem pra você pegar aquilo pra si e guarda aquilo e você vai reproduzir

aquilo sem entender o que aconteceu. Aí é o que eu comecei a fazer exercício de ver aquelas manchetes e o que me impacta eu vou lá, vou no Google e aí fico sabendo da história toda por mais de uma fonte, seja G1 ou seja qualquer um outro. Eu estou começando a ter esse exercício já há umas semanas.

5. Jornalismo dentro da periferia, você acompanha algum jornal exclusivo?

Eu acompanho muito a Alma Preta, que é uma comunicação bem focada em pessoas pretas e pessoas de periferia. Então eles são bem fiéis nesse sentido, de realmente noticiar aquilo exatamente como está acontecendo, porque são pessoas que sabem como é aquele território que já foram ou são de periferia. Então eu gosto de acompanhá-los.

6. E qual é a principal diferença que você vê no jornalismo produzido dentro da periferia e do jornalismo feito pela grande mídia?

A comunicação, o jornalismo feito lá dentro, pra esse outro, eu vejo que o que nós fazemos, jornalistas e comunicadores, é uma coisa muito mais fiel ao real e que a comunicação feita ela gera muito mais conexão do que se eu assistir qualquer outro jornal seja na TV ou seja em qualquer outro lugar. Pois por mais que pessoas mais velhas da periferia assistam aquele Bom Dia São Paulo, não é um tipo de jornal que faz você ter um senso crítico. Ele te dá uma notícia, ele te impacta, ele faz com que você pega aquilo como uma verdade. Eu sinto que o jornalismo e o jornalistas, os comunicadores de periferia, eles te dão a notícia e eles te mostram a coisa mais real possível e com a nossa comunicação pra não te gerar dúvidas, entende? Porque pelo menos o que eu vejo nessas plataformas midiáticas muito grandes, é que eles fazem uma comunicação perfeita pra que não fique tão claro o que eles querem dizer ou que se ficam claro é uma questão sensacionalista e você pega aquilo e você fica com medo. Nunca é uma coisa realmente voltada pra você ter um senso crítico, pra você formar a sua opinião por si só. E geralmente eles também nunca noticiam coisas que são realmente da nossa realidade. Se eles não tinham alguma coisa que é da nossa realidade, é sempre falando mal do nosso território. Nunca é alguma coisa, porra, tá acontecendo isso na favela do Paraisópolis, é sempre porra tem polícia na favela do Paraisópolis. Então não é uma comunicação que acolhe o que nós vivemos, que é fiel ao que nós vivemos. Diferente do que quando nós comunicadores e jornalistas fazemos e contamos as nossas próprias histórias.

7. Essa comunicação periférica que tu acompanha, como sente que ela te impacta?

Impacta muito. Impacta muito, porque essas plataformas quando elas noticiam algo, a chance de eu Vitória ir lá compreender, de eu ir lá entender a notícia é muito maior. Porque eu tento fazer o exercício de ter uma análise crítica das notícias também, então eu consigo ver que essas notícias, elas são mais fiéis, elas são mais completas também, não geram dúvidas quando são notícias desses tipos de comunicadores e jornalistas periféricos. E a chance de eu acreditar é muito maior. A chance de eu realmente ser impactada positivamente no sentido de confiar naquilo e abraçar aquilo como uma verdade. Não como uma verdade, mas botar fé naquilo. Por exemplo, se uma uma plataforma dessa solta uma notícia. Eu vou ler e vou conseguir entender, a comunicação vai tá mais pro meu público. Vai ser mais real, sabe?

8. E como você vê isso ao teu redor, na tua comunidade?

É muito importante ao meu redor, pois por exemplo o alma preta entre outros portais que focam nas pessoas da comunidade, eles dão vozes a essas pessoas. E eu já vi muito dessas notícias, darem possibilidade de comércios serem vistos. É realmente dar a possibilidade de comércios locais, como o Prato Firmeza da Énois faz, de ter o nome em um guia gastronômico e que eles estejam lá. Então eu sinto que impacta, que é importante na vida dessas pessoas, pois elas se sentem escutadas. Essa comunicação acaba sendo inclusiva, pois pra mim comunicação é isso, é democracia é uma questão democrática, para que todos possam falar. Se não existisse esses tipos de meio, seja a Énois, Alma Preta, Sobre Funk, se não fossem esses portais, a gente nunca ia saber a história dessas pessoas, ou se fosse saber de fato, saberia de uma forma completamente midiática e sensacionalista. Então é bom que as pessoas conheçam e saibam de fato que existem essas plataformas, para que quando elas queiram denunciar algo, ou ascender algum tipo de comércio, elas tenham a quem recorrer.

